



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

A IMPORTÂNCIA DA APLICABILIDADE LITERÁRIA NA
APRENDIZAGEM ESCOLAR: PRÁTICAS ESSENCIAIS PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR

Zélia Maria de Souza Silva

Asunción, Paraguay

2023

Zélia Maria de Souza Silva

**A IMPORTÂNCIA DA APLICABILIDADE LITERÁRIA NA
APRENDIZAGEM ESCOLAR: PRÁTICAS ESSENCIAIS PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Dissertação e apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Daniel González González

Asunción, Paraguay

2023

Silva, Zélia Maria de Souza.

**A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a
formação do leitor.**

p.126

Tutor: Prof. Dr. Daniel González González

Maestría en Ciencias de la Educación

Universidad Autónoma de Asunción 2023.

Zélia Maria de Souza Silva

**A IMPORTÂNCIA DA APLICABILIDADE LITERÁRIA NA
APRENDIZAGEM ESCOLAR: PRÁTICAS ESSENCIAIS PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Esta Dissertação foi avaliada e aprovada em ____/____/____ para obtenção de Mestrado em
Ciência de la Educación pela Universidad Autónoma de Asunción - UAA

Nota final: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais falecidos, pelas bases que me deram para tornar a pessoa que sou hoje...

“A verdadeira coragem é ir atrás de seus sonhos mesmo quando

A importância da aplicabilidade da literária...vi

todos dizem que ele é impossível”.
(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre me
apoiaram a tonar um sonho
realidade.

“Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal” (Freire, 1997, p.3).

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNE	Plano Nacional de Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
SEA	Sistema de Escrita Alfabética

LISTA DE FIGURAS

Figura n. ° 01	Capa do livro “Papo de sapato”	12
Figura n. ° 02	Os Métodos de Alfabetização.....	17
Figura n. ° 03	Método Alfabético.....	19
Figura n. ° 04	Método fônico.....	20
Figura n. ° 05	Método silábico.....	21
Figura n. ° 06	Método de palavrção.....	23
Figura n. ° 07	Níveis de alfabetização.....	33
Figura n. ° 08	Nível pré-silábico.....	34
Figura n. ° 09	Nível silábico.....	35
Figura n. ° 10	Fase silábica qualitativa.....	36
Figura n. ° 11	Fase silábica quantitativa.....	37
Figura n. ° 12	Fase Silábico alfabético.....	38
Figura n. ° 13	Eixos básicos de língua portuguesa.....	48
Figura n. ° 14	Escola Municipal Cristo Rei.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela n.º 01	Diretrizes Transversais do PNE (2014 -2024)	14
Tabela n.º 02	Composição da equipe técnica, professores e discentes da Escola.....	56
Tabela n.º 03	Estrutura física da Escola.....	57
Tabela n.º 04	Participantes de pesquisa.....	59
Tabela n.º 05	A importância da literatura infantil na visão do professor.....	64
Tabela n.º 06	O período e o último livro lido pelos professores.....	65
Tabela n.º 07	O professor leitor.....	66
Tabela n.º 08	A frequência que o professor utiliza a leitura literária na sala de aula	67
Tabela n.º 09	A abordagem utilizada pelo professor para introduzir a leitura na sala de aula.....	68
Tabela n.º 10	A frequência que os alunos vão à biblioteca.....	69
Tabela n.º 11	O incentivo da escola à prática da literatura.....	70
Tabela n.º 12	O papel da secretaria de educação frente a formação docente.....	72
Tabela n.º 13	O acervo literário da escola.....	73
Tabela n.º 14	Os projetos que a escola desenvolve para favorecer a leitura.....	74
Tabela n.º 15	Os desafios encontrados pelo professor para trabalhar com a leitura...	75
Tabela n.º 16	O gosto dos alunos por obras literárias.....	76
Tabela n.º 17	Os métodos de alfabetização utilizados pelo professor.....	77
Tabela n.º 18	Aspectos observados nos alunos na sala de aula, a partir da prática pedagógica do professor.....	80
Tabela n.º 19	Aspectos observados nos alunos a partir da leitura literária.....	80
Tabela n.º 20	Aspectos observados nos planejamentos pedagógicos dos professores	81

RESUMEN

El desarrollo de la lectura debe ser estimulado desde los primeros años de vida del niño, con la participación de la familia en este proceso para que cree el hábito de la lectura. En la escuela, este proceso necesita ser continuado a través de la acción pedagógica del docente que tiene la competencia de enseñar buena interpretación, con el uso de los más diversos textos, conduciendo al alumno a la comprensión y adhesión al mundo de la lectura. Así, el presente estudio tiene como objetivo analizar la importancia de la aplicabilidad de la literatura en el aprendizaje de los alumnos de 1° a 5° de la Escuela Municipal Cristo Rei de Campestre de Goiás. Así, esta investigación adoptó un enfoque cualitativo, y utilizó como técnica la entrevista a siete docentes del 1° al 5° año de la enseñanza fundamental y la observación participante en los grados 3°, 4° y 5° años, totalizando 120 alumnos. Los resultados indican que los docentes comprenden la importancia de la literatura en el aprendizaje escolar, sin embargo, sus metodologías no se corresponden con una práctica que contemple el uso de los géneros literarios en el aula. Además, la escuela no brinda suficientes obras literarias para llegar a todos los estudiantes matriculados en ella, así como tampoco cuenta con un ambiente propicio que lleve a los estudiantes a buscar los libros que les gusta leer. La investigación apunta a una práctica pedagógica basada en el método sintético, sin embargo, este método no ha tenido un efecto positivo en el aprendizaje de sus alumnos, considerando que hay una porción de ellos que aún no pueden ser considerados un sujeto alfabetizado. En este sentido, consideramos que hay mucho que construir hacia una enseñanza orientada al uso de los géneros textuales literarios, en la que el docente sea capaz de alfabetizar a sus alumnos en una sociedad en la que se pueda desarrollar el pensamiento crítico.

Palabras clave: Estudiante. Escuela. Literatura. Métodos. Profesor.

RESUMO

O desenvolvimento da leitura deve ser estimulado desde os primeiros anos de vida da criança, tendo nesse processo a participação da família, para que ela crie o hábito de ler. Na escola esse processo precisa ser continuado por meio da ação pedagógica do professor que tem a competência de ensinar para a boa interpretação, com a utilização dos mais diferentes textos, levando o aluno a compreensão e aderência ao mundo da leitura. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a importância da aplicabilidade da literatura na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás. Assim, essa investigação adotou uma abordagem qualitativa, e foi utilizada como técnica, a entrevista para sete professores do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental e a observação participante nas turmas dos 3.ºs, 4.ºs e 5.ºs anos, totalizando 120 alunos. Os resultados apontam que os professores compreendem a importância da literatura na aprendizagem escolar, no entanto, suas metodologias não correspondem a um fazer que contemple a utilização dos gêneros literários em sala de aula. Além disso, a escola não disponibiliza obras literárias suficientes que alcance a totalidade dos alunos que nela estão matriculados, como também não possui um ambiente propício que leve aluno a buscar os livros que gostam de ler. A pesquisa ainda sinaliza para um fazer pedagógico pautado no método sintético, contudo, esse método não tem surtido efeito positivo na aprendizagem de seus aprendentes, tendo em vista que, há uma parcela destes que ainda não pode ser considerado um sujeito letrado. Nesse sentido, consideramos que há muito para construir na direção de um ensino voltado a utilização dos gêneros textuais literários, no qual o professor consiga alfabetizar e letrar seus aprendentes em uma sociedade que anseia cada vez mais por pessoas capazes de desenvolver o pensamento crítico através de um processo de aprendizagem eficiente.

Palavras-chave: Aluno. Escola. Literatura. Métodos. Professor.

ABSTRACT

The development of reading must be stimulated from the first years of the child's life, with the participation of the family in this process, so that it creates the habit of reading. At school, this process needs to be continued through the pedagogical action of the teacher who has the competence to teach good interpretation, with the use of the most different texts, leading the student to understanding and adherence to the world of reading. Thus, the present study aims to analyze the importance of the applicability of literature in the learning of students from 1st to 5th of the Municipal School Cristo Rei in Campestre de Goiás. Thus, this investigation adopted a qualitative approach, and used as a technique the interview of seven teachers from the 1st to the 5th year of elementary school and the participant observation in the 3rd, 4th and 5th grades. years, totaling 120 students. The results indicate that teachers understand the importance of literature in school learning, however, their methodologies do not correspond to a practice that contemplates the use of literary genres in the classroom. In addition, the school does not provide enough literary works to reach all the students enrolled in it, as well as it does not have a conducive environment that leads students to seek out the books they like to read. The research still points to a pedagogical practice based on the synthetic method, however, this method has not had a positive effect on the learning of its students, considering that there is a portion of them that cannot yet be considered a literate subject. In this sense, we consider that there is a lot to build towards a teaching aimed at the use of literary textual genres, in which the teacher is able to teach literacy and literacy to his students in a society that increasingly yearns for people capable of developing critical thinking through teaching. an efficient learning process.

Keywords: Student. School. Literature. Methods. Teacher.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	Vii
LISTA DE FIGURAS.....	Viii
LISTA DE TABELAS.....	Ix
RESUMEN.....	X
RESUMO.....	Xi
ABSTRACT.....	Xii
INTRODUÇÃO.....	1
1 PERCURSO TEÓRICO.....	5
1.1 A importância da leitura no ambiente escolar.....	5
1.2 A alfabetização funcional e a influência das tecnologias.....	9
1.3 Métodos de alfabetização.....	12
1.3.1 Os métodos sintéticos.....	18
1.3.1.1 Método alfabético/soletração.....	19
1.3.1.2 Método fônico.....	20
1.3.1.3 Método silábico.....	21
1.3.2 Método Analítico.....	22
1.3.2.1 Método palavração.....	23
1.3.2.2 Método sentencição.....	24
1.3.2.3 Global de contos.....	24
1.4 Alfabetizar: quais paradigmas?.....	25
1.5 Abordagens pedagógicas e suas influências no processo de alfabetização.....	26
1.6 Linguagem oral/escrita.....	30
1.6.1 Fases da construção da escrita.....	32
1.6.1.1 Pré – silábico.....	33
1.6.1.2 Nível silábico.....	34
1.6.1.2.1 Silábico qualitativo.....	35
1.6.1.2.2 Silábico qualitativo.....	36
1.6.1.3 Silábico alfabético	37
1.7 Concepções de leitura.....	39

1.8 Letramento: O processo da leitura.....	40
2 FINALIDADE DA LITERATURA NA ALFABETIZAÇÃO.....	43
2.1 Características da literatura.....	44
2.2 O currículo de língua portuguesa no contexto escolar.....	46
3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	49
3.1 Justificativa.....	49
3.2 Perguntas norteadoras	50
3.3 Objetivos da investigação.....	52
3.3.1 Objetivo geral.....	52
3.3.2 Objetivos específicos.....	52
3.4 Desenho da pesquisa	52
3.5 Contexto da pesquisa.....	54
3.5.1 Delimitação da pesquisa.....	55
3.6 População e amostra.....	57
3.6.1 Alunos.....	58
3.6.2 Professores.....	58
3.7 Técnicas e instrumentos de coleta de dados.....	59
3.7.1 Observação participante.....	59
3.7.2 A entrevista.....	60
3.8 Validação dos instrumentos.....	61
3.9 Técnicas de análise e interpretação dos dados.....	61
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
RECOMENDAÇÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICES.....	99

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura e a escrita deve ser o condutor para a mutualidade pessoal de cada ser, e o elo que fortalecerá a vida social do homem. Nesta tese será apresentada a importância da literatura na vida do ser aprendente, como um recurso que levará a apropriação da leitura e escrita de forma divertida e prazerosa. A Literatura tem sido uma das fontes fortalecedora para o ingresso do ato de ler e escrever, pois o ato de escrever é uma sequência do ato de ler (Paro, 2017).

Nesse trabalho, debruçamos na visão de alguns autores através de pesquisa bibliográfica tendo como foco a alfabetização/letramento e como este direciona o ensinar/aprender através da literatura, com ênfase nas metodologias aplicadas pelos professores e como utilizam as ferramentas de aprendizagem para desempenhar com precisão esta tarefa tão árdua que é ensinar.

Toda investigação a respeito do aprendizado escolar tem como finalidade, compreender como a leitura reflete na alfabetização e como esta, tem sido organizada para fins de conhecimento letrado, tendo como premissa, compreender o sistema da alfabetização e os recursos oferecidos aos alunos, e como estes estão sendo refletidos no aprendizado na fase do apreender o conhecimento com fundamento de letramento.

O aprendizado acontece nos diferentes períodos da vida, não sendo determinado por idade, sexo, ou raça a não ser por problemas com caráter científico (alunos com laudos), mas ainda assim podem apreender. A leitura literária deve fazer parte desde o período escolar e pós- escolar, e esta contribui para ampliação da aprendizagem qualitativa e significativa. Todavia, tentar uma mudança no aprender dos alunos através da literatura, requer também mudar a forma de ensinar dos professores. Neste fim, percebemos que trabalhar com a literatura como meio para alfabetizar é estimulador, além de agregar alegria tanto para o professor, quanto para o aluno.

Dentre os estudos, serão apresentados os pontos fortes e fracos do desenvolvimento dos alunos demonstrando como o trabalho do professor nas turmas dos 1.º ao 5º ano do ensino fundamental pode ser complementada através da literatura na vida social e cultural dos

alunos. Freire (1996) mostra que as pessoas aprendem a todo momento, as crianças que não estão alfabetizadas ao término do ensino fundamental (anos iniciais) a causa pode estar relacionada a falta de acesso a literatura.

Para que os alunos tenham acesso à leitura com compreensão, deve-se antes de tudo analisar-se quais dificuldades internas tem afetado seu desenvolvimento externo para a não apropriação do conhecimento real e compreender o que foi lido, bem como, refletindo -se sobre quais recursos o professor está oferecendo para que ele tome o gosto em aprender. Neste sentido é de suma importância que todos envolvidos nas unidades escolares se unam conhecendo os princípios que norteiam o ciclo da alfabetização, para que possam atuar neste ciclo de forma que os alunos cheguem aos anos finais do Ensino Fundamental com todas as competências e habilidades necessárias para que o aprendizado flua com clareza sem desnortear os professores e alunos. Nesse caso, é preciso “discutir o papel da escola que se constitui em ambiente privilegiado para a formação do leitor” (Souza e Santos, 2004, p.81). Por fim, compreendemos que as dificuldades que as escolas enfrentam na alfabetização de seus aprendentes, nos faz refletir e ensejar que a escola deve planejar criteriosamente um ambiente alfabetizador, propiciando conceitos a respeito de Alfabetização/Letramento, investigando sempre os pontos positivos e negativos como alvo no sucesso do aluno. Para tal, o professor precisa ser um bom leitor conforme bem expressa Santos (2005) ao afirmar que,

A leitura para o professor é um instrumento básico de aperfeiçoamento de sua práxis, no atual contexto educacional, em que a transmissão e imposição de certezas e verdades pré-definidas e ultrapassadas, veiculadas pelos livros didáticos, estão sendo substituídas pela descoberta, crítica e transformação dessas verdades, presentes na realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (p.5).

Diante da fala do autor, é possível afirmar que para o fazer pedagógico voltado ao trabalho com literatura, o professor deve antes de tudo gostar de ler, de pesquisar, pois é por meio da leitura que se reflete e busca-se responder as inquietações que permeiam a toda a sociedade, tendo a leitura um papel muito relevante nesse cenário.

Compreender o papel da leitura e da escrita na vida do sujeito, é desvelar que no ato de aprender a criança passa por diversas fases até a concretização da leitura com fluidez e compressão. Quando pequena, ela apenas garatuja, rabisca, desenha e a partir daí que o processo de alfabetização se inicia de forma construtiva. Para Mortatti (2000), a história do ensino da leitura e da escrita no Brasil poderia, ser contada a partir dos métodos que se tornaram mais visível desse processo histórico na questão da alfabetização.

Consideramos que quando a criança aprende a ler, em primeiro lugar aprende as letras, depois palavras, as quais são formadas por letras, após frases e, por fim, o texto, o qual é formado por frases (Szimansky, 2019). Para isto, o professor pode utilizar um método, considerando é claro, a realidade social das crianças.

Nesse viés, além desta introdução, a presente dissertação encontra-se disposta em três partes, definidas e conectadas entre si, assumindo a seguinte ordem:

A primeira parte corresponde ao percurso teórico, o qual está dividido em subtítulos, tratando a princípio da importância da leitura no ambiente escolar, tendo a contribuição de autores renomados que corroboram entre si, reafirmando a importância de ler e sua colaboração na vida do indivíduo. Em seguida busca-se dialogar a respeito da alfabetização e seus paradigmas, bem como conceitua-se o que é alfabetização funcional e a influência das tecnologias, trazendo alguns conceitos a respeito da pessoa considerada analfabeta, a qual mesmo conhecendo as letras e algumas palavras, não são capazes de responder corretamente algumas questões que envolvem a interpretação do que foi lido. Nesse processo, alguns autores divergem entre si, ao afirmarem que quem não lê, encontrará dificuldades de se inserir no mundo tecnológico, já outros afirmam que as tecnologias podem contribuir para o melhoramento desse tipo de problema, dependendo da ação do professor. Debate-se também sobre os métodos de alfabetização, apontando os pontos positivos e negativos de cada um. Mais adiante apresenta-se as abordagens pedagógicas e suas influências no processo de alfabetização enfatizando-se a importância de cada um desses no processo de aprender. Discute-se ainda como ocorre a apreensão da linguagem oral/escrita e como e os níveis da apropriação da escrita são importantes nesse processo. Dialoga-se sobre as concepções de leitura na ótica de alguns autores, fazendo -se uma acepção sobre o tema Letramento e o

processo da leitura. Logo adiante apresenta-se a visão de alguns teóricos a respeito da finalidade da literatura na alfabetização e suas características.

Na segunda parte, trabalhamos como marco metodológico, e apresenta-se os objetivos de investigação, o problema da pesquisa, as perguntas norteadoras, o contexto espacial e socioeconômico da pesquisa, seus participantes. Serão também descritos os instrumentos e as técnicas aplicadas no estudo, bem como seus processos de elaboração e validação. Ainda se pontua os procedimentos para a coleta dos dados e como as técnicas de análise e interpretação foram empregadas.

A terceira parte constitui a análise e interpretação dos resultados que apresentará todas as impressões dos dados coletados mediante instrumentos e técnicas indicados para uma pesquisa qualitativa. Neste capítulo é possível constatar que os objetivos específicos foram concretizados parcialmente tendo em vista que, a formação a metodologia do professor ainda tem sido um fator prejudicial na formação do aluno leitor, bem como a escassez de obras voltadas ao alfabetizar na escola, contemplando os gêneros literários. Além disso, a falta de um espaço adequado que leve o aluno a escolher seus livros favoritos.

Finalizando, apresentaremos as conclusões e algumas propostas que servirão de reflexão para o município em questão e para a escola *lócus* da pesquisa.

1 MARCO TEÓRICO

Este capítulo tem como finalidade de apresentar uma breve reflexão a respeito dos métodos de alfabetização no Brasil, bem como, os avanços ocorridos na questão da leitura e escrita no sistema de ensino e a importância dessas duas práticas na vida dos estudantes. Parte-se do pressuposto de que a literatura é uma ferramenta de grande poder no processo de alfabetização escolar, contribuindo para tornar os estudantes pessoas capazes de modificar o ambiente social. Também, debate-se a respeito da alfabetização e seus paradigmas, bem como, as abordagens pedagógicas e suas influências no processo de alfabetização e como ocorre a apreensão da linguagem oral/escrita por meio do Letramento, apontando-se a finalidade e as características da literatura na alfabetização dos alunos.

1.1 A importância da leitura no ambiente escolar

Em épocas passadas, a sociedade vivia alienada em relação ao conhecimento que impedia as crianças de ler de forma compreensível, com entonação e ritmo, respeitando-se pausas que toda leitura requer. Nos dias atuais é notório que essas dificuldades se perpetuam, devido as dificuldades que os estudantes apresentam nas questões de leitura e escrita desde os anos iniciais do ensino fundamental até mesmo no Ensino Médio, acarretando em prejuízos futuros na sua aprendizagem.

Compreendemos que ensinar a ler não é uma tarefa fácil, principalmente se esse processo for mediado por métodos ultrapassados, que possibilite um aprendizado descontextualizado. Nas palavras de Cruz (2014, p.2), “alunos que não acompanham as expectativas de aprendizagem de seu ano de escolarização são motivo de muita preocupação por parte das escolas, dos professores e das famílias”. Essa preocupação dar-se é de uma forma geral de todos.

O domínio da leitura no âmbito social torna-se a base fundamental para a construção do conhecimento sistematizado, ao mesmo tempo, que passa a ser o caminho para a inserção do homem numa sociedade letrada.

Para Arana e Klebis (2015),

O ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. Desta forma, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto (p.266).

Nessa mesma linha de pensamento, Freire (1989), acrescenta que o ato de ler:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (p.1).

Corroborando com os autores acima mencionados, é possível afirmar que a criança que não ler, certamente apresentará dificuldades ao longo de todo o seu processo acadêmico, contribuindo para a elevação da baixa autoestima, colaborando para se sentir inferior diante dos demais colegas de classe, o que por vezes, acaba perdendo o interesse para aprender. Nesse viés cabe à escola identificar as dificuldades, e criar estratégias para sanar essas lacunas. Entre essas estratégias está a utilização de obras literárias, de forma sistemática no ambiente escolar. Essas obras, embora disponíveis em quase todas as escolas públicas brasileiras, em muitos casos, são esquecidas na biblioteca escolar, pelo desuso e pela pouca importância que o professor atribui a esses gêneros textuais, ou seja, o narrativo, o lírico e o dramático. No entanto segundo Freire (1995, p.47), a biblioteca deve ser compreendida:

A importância da aplicabilidade da literária...7

[...] como um segundo lar, onde o aluno possa entrar e se divertir à vontade para escolher sua leitura favorita, feito isso é importante que o professor faça o acompanhamento e direcionamento dessa leitura, e se possível “cobrar” essa atitude da família também, quando escola e família trabalham juntos a probabilidades de dar certo é maior.

Nessa direção, consideramos que os gêneros literários colaboram para tornar os alunos críticos, por meio da reflexão, indagando, questionando, opinando, tornando-se cidadãos participativos e atuantes numa sociedade completamente desigual. A literatura é considerada como a arte das palavras.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento esse que traça as diretrizes para orientar os professores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais no que diz respeito as disciplinas da grade curricular, aponta que:

Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor, para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural; da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura (Brasil, 1997, p.71).

Nesse enfoque, é fundamental perceber que a escola enquanto espaço privilegiado para a apropriação do saber, se faz necessário que ela se adeque às exigências que determinam os documentos oficiais que norteiam todo o fazer pedagógico, capaz de suprir as demandas do processo educativo, como bem pontua Coelho (2000).

A escola é hoje o espaço privilegiado em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegamos os estudos literários, pois, de maneira abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição sine qua non para a plena realidade do ser (p.16).

Nesse direcionamento, alfabetizar através de livros literários, contribuem não somente para ensinar a criança a ler, mas possibilita a contextualização do conhecimento, colaborando para o desenvolvimento da percepção e da atividade mental.

Apesar da importância da contextualização do conhecimento, essa prática ainda não tem sido muito utilizada na prática docente. O que vem ocorrendo na sala de aula é uma ação desconexa e fora da vivência do aluno; uma prática centrada na decodificação de letras, sem a preocupação de dá sentido àquilo que se ler, comprometendo o desenvolvimento de ensino-aprendizagem. Essa afirmação encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1997), ao mencionar que o:

Conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento que possuem, que verifiquem suas suposições – tanto em relação à escrita; propriamente, quanto ao significado (pág.22).

Aprender a ler é uma ação que exige motivação, objetivos concretos que deve ser uma ação rotineira na sala de aula e deve acontecer de forma lúdica e prazerosa como a própria literatura é. Pois, “a ludicidade é uma dimensão da linguagem humana, que possibilita a “expressão do sujeito criador que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo” (Gomes, et al., 2004, p.47). Aprender de forma

divertida, favorece a construção do “eu” e possibilita ao aluno um melhor desenvolvimento de suas competências, possibilitando a compreensão do que está sendo lido, colaborando para que o protagonismo florescer.

Na visão de Freitas e França (2021, p.112), “o protagonismo é uma prática a ser adotada pela escola a fim de promover o exercício da cidadania, pois, está entrelaçado com a ação voluntária e com o comprometimento social, pois, se fundamenta no ato de conscientizar e preparar os jovens para que tenham iniciativas”. Porém, para que esse protagonismo se fortaleça, caberá “, a escola criar espaços adequados ao seu desenvolvimento nos quais os alunos, diante de situações da vida real, possam fazer suas avaliações, eleger e expressar suas decisões e expressar posicionamentos, modificando, assim, a realidade em que vivem” (Dos Anjos e Cusati, 2020, p.2). Esses espaços, devem ser um ambiente alfabetizador para que os estudantes possam ter acesso aos recursos literários que a escola pode ofertar, oportunizando aos mesmos, o exercício de protagonizar, considerando que é através do ler e escrever que as pessoas se comunicam, sendo essas práticas o mecanismo mais utilizado para o acesso às informações. E para que o aluno tenha propriedade no aprendizado se faz necessário que tenha domínio na leitura e escrita para assim, ter acesso com equidade aos bens culturais e ter participação efetiva no mundo letrado.

1.2 A alfabetização funcional e a influência das tecnologias

Na sociedade atual, o debate sobre a importância da alfabetização das crianças, novos conceitos foram criados, principalmente a partir de resultados de diferentes avaliações tanto internas quanto externas sobre o nível de alfabetização no Brasil, que considera tais resultados insatisfatórios. Diante disto, a preocupação com a alfabetização no cenário brasileiro tem se ampliado, bem como a criação de novas políticas públicas, visando a melhoria do processo de alfabetização no contexto escolar.

Um dos conceitos importantes é o de analfabetismo funcional, conceito esse, que segundo Paiva (1987), se desenvolveu no cenário educacional brasileira a partir da década de 1960. Já, Braga (2014, p.25) acrescenta que, “as definições de analfabeto sofreram algumas modificações ao longo do tempo e, conseqüentemente, surgiram novas denominações, como

analfabeto funcional e iletrado/pouco letrado”. O analfabetismo funcional se refere aos indivíduos que, mesmo reconhecendo as letras do sistema alfabético e números são incapazes de compreender textos simples e de realizar operações matemáticas complexas, por não conseguir interpretar aquilo que lê.

Inicialmente, compreendia-se que a alfabetização era fundamental às atividades realizadas no dia a dia dos trabalhadores, e desta maneira o conceito surge como “um complemento de analfabetismo absoluto e em decorrência do baixo desempenho de jovens e adultos na apropriação das técnicas de leitura e escrita e de cálculos importantes para a vida profissional, política ou social” (Brasil, 2015, p.12).

Com a velocidade em que as tecnologias vêm ocorrendo, quem não lê e nem escreve encontra dificuldades de se inserir no mundo globalizado, pois tanto a leitura como a escrita, são considerados produtos da linguagem, e fatores fundamentais para a inclusão do homem no mercado de trabalho. Soares (2017, p.26) comenta que a linguagem é “o principal produto da cultura, e é o instrumento para a sua transmissão”. Nessa direção é possível compreender que é através da linguagem que se cria sentidos para a comunicação e para a prática de interação social. A linguagem permite ao homem transmitir sentimentos e ideias capazes de ultrapassar as barreiras do acesso à informação, do diálogo e do conhecimento. Dessa forma,

[...] os conteúdos de língua e linguagem não são selecionados em função da tradição escolar que predetermina o que deve ser abordado em cada série, mas em função das necessidades e possibilidades do aluno, de modo a permitir que ele, em sucessivas aproximações, se aproprie dos instrumentos que possam ampliar sua capacidade de ler, escrever, falar e escutar (Brasil, 1998, p.37).

Buscando os conceitos de Vygotsky (2007), a respeito da linguagem, o autor esclarece que ela é como uma cadeia de associações que surgem na mente sob a influência de formas verbais familiares. Assim, ler e compreender a mensagem que o texto transmite contribui para que os alunos possam desenvolver competências e habilidades da linguagem.

No dia a dia, notamos que uma grande parcela dos estudantes brasileiros, principalmente dos anos iniciais do ensino fundamental ainda não conseguem desenvolver e

interpretar os mais diversos tipos de textos, mesmo com o avanço tecnológico, e com a acessibilidade aos gêneros textuais disponíveis nas plataformas virtuais. Por outro lado, alertamos que nem toda família tem acesso à internet, deixando -se essa responsabilidade para a escola. No entanto, Villaça (2006, p.03), afirma que “acessar, em tempo real, informações sobre quase tudo que existe no mundo e poder estabelecer contato direto com as fontes de informações, representa uma drástica mudança de paradigma na sociedade humana.” Para mediar o conhecimento por meio das tecnologias, é possível buscá-lo nos mais diversos meios midiáticos, que podem ser acessados pelo professor como mais uma ferramenta que colabora para que a criança se alfabetize, inserindo-a no mundo totalmente digital. De acordo com Almeida (2005, p.174):

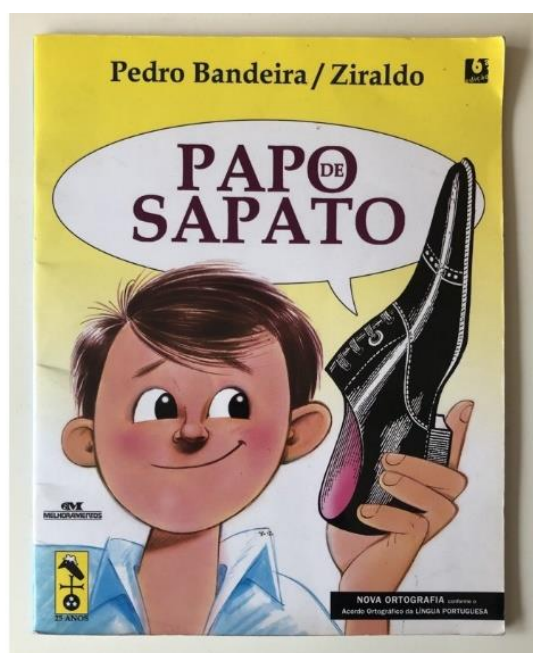
A fluência tecnológica se aproxima do conceito de letramento como prática social, e não como simplesmente aprendizagem de um código ou tecnologia; implica a atribuição de significados às informações provenientes de textos construídos com palavras, gráficos, sons e imagens dispostos em um mesmo plano, bem como localizar, selecionar e avaliar criticamente a informação, dominando as regras que regem a prática social da comunicação e empregando-as na leitura do mundo, na escrita da palavra usada na produção e representação de conhecimentos.

Nesse sentido, por meio das redes sociais, o professor poderá introduzir o assunto a partir de uma figura, de uma palavra, uma frase ou um texto, sendo fontes ricas para se trabalhar com a interdisciplinaridade, ação essa que muitos professores apresentam dificuldades.

A interdisciplinaridade é entendida por Winter (2017, p.220), como sendo, “[...] uma relação entre as disciplinas, questiona a fragmentação dos campos do conhecimento e a visão compartimentada que se revela na existência de disciplinas isoladas”. Nesse sentido, a interdisciplinaridade envolve não somente o conhecimento compartilhado, mas o engajamento de todas as disciplinas, colaborando para uma aprendizagem ampla, deixando -se de lado as matérias estanques que não colaboram para uma aprendizagem satisfatória.

A tecnologia tem favorecido a uma gama de saberes, como por exemplo: ao buscar no Google o livro “Papo de sapato” de Pedro Bandeira e Ziraldo, o professor se depara com uma série de possibilidades de alfabetizar, seja por meio da decomposição das sílabas, seja pela formação de outras, contextualizado, como por exemplo, (o sapato é feito de quê? onde se fabrica o sapato? Qual é o número de seu sapato? que cor é o seu sapato? quais materiais são necessários para fazer um sapato? como utilizamos o sapato, ele pode ser usado como unidade ou par? etc.). Dessa forma, trabalhar-se interligando-se o conhecimento com todas as áreas do saber, além de favorecer o desenvolvimento da oralidade, colaborando para que a timidez seja esquecida no ambiente escolar. Abaixo, apresentamos a capa do livro citado, como uma forma de elencar outras possibilidades de aprendizagem.

Figura N.º 1: Capa do livro “Papo de sapato”



Fonte: <https://shopee.com.br/Livro-Papo-de-Sapato-Ziraldo-Pedro-Bandeira-Melhoramentos-i.328655607.6879785071> Acesso em 12 de maio de 2021

Como se pode observar, só pela capa do livro, verificamos uma enorme quantidade de saberes que podem ser contextualizados na sala de aula, levando o aluno a descobrir novos conhecimentos, por meio da reflexão, colaborando para o despertar pelo prazer de ler e escrever.

1.3 Métodos de alfabetização

O direito à educação básica é direito de todos os brasileiros, é o que determina a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394/96). Conforme essa lei, a educação “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Brasil,1996). Portanto, a escola cumpre um papel de relevante importância na formação do estudante, na sua preparação para o pleno exercício da cidadania e para o mercado de trabalho, sendo fundamental que ela propicie o pleno desenvolvimento da leitura e escrita.

Na concepção de Arana e Klebis (2015, p.266), “se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto”. No entendimento dos autores, a leitura é fundamental, pois, é por meio dela que as pessoas buscam respostas para solucionar os problemas que precisam resolver. A literatura com foco na narrativa relaciona-se à contação de uma história e apresenta narrador, personagens, trama, tempo e espaço (Avelar, 1999). É um gênero que o professor pode utilizar e ao mesmo tempo alfabetizar contextualizando, pois as crianças gostam de histórias com este tipo de ênfase. Já a literatura voltada ao lírico se refere a textos extremamente subjetivos e conotativos, que podem ser escritos em verso ou prosa (Pessoa, 1972). Enquanto que o dramático faz referência a textos produzidos para serem encenados (Vieira, 2016). É um bom recurso, para ser utilizado, pois além de fomentar o interesse em ler, também contribui para o aluno deixar de lado a sua timidez, ao interpretar um personagem.

No Brasil, os dados de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, mostra que a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). Comparando-se ao último Censo realizado antes desse período, é possível observar que essa taxa vem caindo, porém de forma bastante lenta. Para reverter esse cenário, o Plano Nacional de Educação -PNE (2014/2024) programou vinte metas para serem cumpridas no decorrer de um decênio, sob o prisma de erradicar o analfabetismo de vez no país, e garantir a todos o acesso à escola. Esse plano precisa ser concretizado antes do término de sua validade, o que ao nosso ver parece-nos

difícil de ser efetivado, pois, apesar de estar - se muito próximo a finalização de sua validade, suas metas continuam muito distante de serem alcançadas, principalmente à diz respeito a erradicação do analfabetismo. As cinco diretrizes transversais e suas respectivas metas do referido plano são:

Tabela N.º 1: Diretrizes transversais do PNE (2014-2024)

Diretrizes para a superação das desigualdades educacionais	I – Erradicação do analfabetismo. II – Universalização do atendimento escolar. III – Superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação.	Metas: de 1 a 5; 9; 11 e 12; 14.
Diretrizes para a promoção da qualidade educacional	IV – Melhoria da qualidade da educação. V – Formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade.	Metas: 6 e 7; 10; 13.
Diretrizes para a valorização dos(as) profissionais da educação	IX – Valorização dos(as) profissionais da educação.	Metas: 15 a 18.
Diretrizes para a promoção da democracia e dos direitos humanos	VI – Promoção do princípio da gestão democrática da educação pública. VII – Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País. X – Promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.	Metas 8 e 19.
Diretrizes para o financiamento da educação	VIII – Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade	Meta: 20

O problema do analfabetismo de crianças e jovens é uma problemática, que envolve uma série de fatores que precisam ser estudados, para que se possa vislumbrar um outro panorama educacional. Por isso, diversos autores discutem sobre a temática Freire (1996), Ferreira e Teberosky (1999), entre tantos, principalmente em relação a alfabetização dos estudantes e o sistema da escrita nas escolas sob a perspectiva de um ensino embasado no letramento.

O termo “alfabetização” e “letramento” embora possuam significados diferentes, no campo educacional, eles precisam estar interligados. Alfabetização diz respeito ao processo de aquisição de leitura e habilidades para a prática da leitura e da escrita, e é por isso que quando uma criança domina esses dois processos, diz-se que ela está alfabetizada. Para, Freire (1989, p.19): “A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora”. Já o letramento é um conjunto de práticas que dá capacidade do estudante de interpretar e aplicar a leitura e a escrita no seu dia a dia. De acordo com Soares (2020, p.127) “o letramento se refere ao desenvolvimento competente da leitura e da escrita nas práticas sociais”.

No entendimento de Soares (2004) o termo alfabetização diz respeito à “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, e letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (p.14). Assim, os termos Alfabetização e Letramento representam conceitos distintos, porém, interdependentes e indissociáveis.

No contexto brasileiro, a educação no Brasil passa por algumas transformações conflituosas acerca da qualidade da alfabetização que está sendo ofertada nas escolas, o que lhe exige um novo olhar e novas práticas que contribuam para a configuração de um novo jeito ensinar. Compreendendo que a alfabetização é o alicerce da vida estudantil de um indivíduo, é primordial que haja uma atenção especial, pois, os docentes alfabetizadores necessitam estar aptos, criativos e conscientes de sua responsabilidade enquanto formadores de sujeitos críticos e reflexivos.

A alfabetização é entendida “como um dos instrumentos de grande importância na apropriação do saber, um caminho árduo a ser percorrido, e a forma como conduzir esse processo é que vai caracterizar sua qualidade (Souza e Castro, 2019, p.164). A alfabetização é um processo interno, que ocorre de maneira diferente em cada indivíduo. Por exemplo, se a criança convive dentro de um ambiente onde a leitura e a escrita são estimuladas, a probabilidade que ela venha a progredir na aquisição dessas duas ações deverá ocorrer com mais fluência do que as demais crianças que não possuem um ambiente estimulador. De acordo com Solé (1998, p.39):

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior.

No entendimento de Vygotsky; Luria e Leontiev (1998, p.8);

[...] a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte de zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética, mas já muito antes de ir à escola adquiriu determinada experiência referente à quantidade, encontrou já várias operações de divisão e adição, complexas e simples, portanto, a criança teve uma pré-escola de aritmética [...].

Na busca pela alfabetização, tem -se buscado a melhor maneira que leve a criança a se alfabetizar. Para isso, muitos professores tem utilizados alguns métodos, que possibilite o aluno a aprender. Para Soares (2004, p.93), “métodos é a soma de ações baseadas em um conjunto de princípios e hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados”. Em alfabetização o método é considerado “[...] o resultado da determinação dos objetivos a atingir, conceitos, habilidades, atitudes que caracterizarão a pessoa alfabetizada”. A utilização de um método é importante porque auxilia na elaboração

do planejamento, no qual as atividades propostas deverão contemplar e resultar na internalização dos conteúdos estudados.

Para Soares (2018, p.330-331), “os métodos de alfabetização podem ser considerados como “um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, que orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, [...]”. No entendimento de Ferreiro (1999, p.136) “[...] devemos começar o processo de alfabetização partindo do nome da criança, utilizando como suportes: textos, rótulos, bulas, jornais, revistas, livros, entre outros, [...]”, assim o método de alfabetização conhecidos como “tradicionais” deve ser abolidos da prática pedagógica, para a mudança aconteça rumo a construção uma prática inovadora, levando-os a uma conscientização de que, não há um único método que leva o sujeito a aprender. Dentre esses métodos, pode-se destacar na figura abaixo:

Figura N.º 2: Os Métodos de Alfabetização



Fonte: https://grupoevolucao.com.br/livro/Alfabetizacao/mtodos_de_alfabetizacao.html. Acesso em 22 maio.de 2022.

Todo professor mesmo que inconscientemente, utiliza algum tipo de método para alfabetizar seus alunos, mas, antes de seu emprego se faz necessário que ele conheça as dificuldades de cada, para saber qual é forma mais eficaz para que ele aprenda.

Os métodos de alfabetização estão classificados em: Método Sintético e Analítico.

O Método Sintético está subdividido em Alfabético/ Soletração, Fônico e Silábico e o Analítico em Palavração, Sentenciação, e o Global de Contos/textos. Todos esses métodos trouxeram grandes contribuições para o processo de alfabetização das crianças brasileiras.

1.3.1 Os métodos sintéticos

Os métodos sintéticos são considerados como os mais antigos, que de acordo com (Frade, 2005, p.22),

Os métodos sintéticos vão das partes para o todo. Nos métodos sintéticos, temos a eleição de princípios organizativos diferenciados, que privilegiam as correspondências fonográficas. Essa tendência compreende o método alfabético, que toma como unidade a letra; o método fônico, que toma como unidade o fonema; o método silábico, que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba.

De acordo com Barbosa (1990, p.46) “o caminho sintético [...] considera o processo de leitura como um esquema somatório: pela soma dos elementos mínimos – o fenômeno ou a sílaba, o aprendiz aprende a palavra – pela a somatória das palavras, a frase e o texto”. Na contramão desse pensamento, surgiram muitos questionamentos a respeito de qual método é o melhor para se alfabetizar as pessoas (crianças, jovens e adultos), levando alguns professores a criticam este método, por acreditarem na busca de uma metodologia perfeita, a mais eficaz, deixando oculto o verdadeiro sentido do conhecimento, que é de adequar as particularidades do aluno ao método e não o método ao aluno.

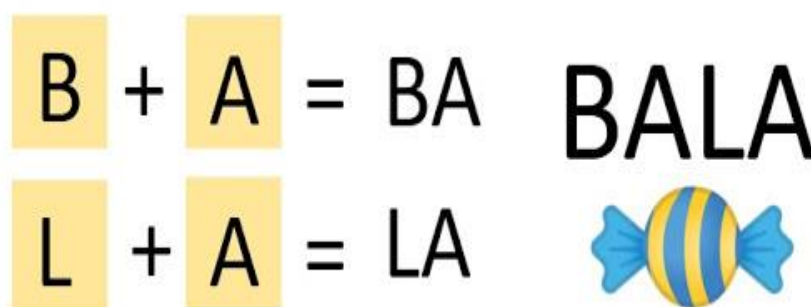
Ainda nessa terra de garimpo, Mortatti (2006, 2008), Soares (2009, 2017), dentre tantos, pontuam que o método sintético foi o primeiro método a ser utilizado e criado em 1876. Com este método, o aluno aprendia através da memorização e reprodução de palavras, fora de um contexto de sua realidade, no qual o professor priorizava a leitura e a escrita por meio das cartilhas. É um método abominado por Freire (1996), que compreende que o método utilizado para alfabetizar, deve aquele baseado nas experiências de vida das pessoas. Esse método, foi utilizado por décadas no Brasil, e ainda na atualidade é possível

encontrarmos professores trabalhando com ele, contudo de forma aprimorada, e sua empregabilidade refere-se a uma correspondência entre o som e a grafia, entre o oral e o escrito, através do aprendizado por letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra. Este tipo de método colabora para que alguns alunos produzam frases com poucos e às vezes sem nenhuma contextualização, como por exemplo: “o boi bebe”, “a uva é roxa.” Os textos em sua maioria são curtos e os materiais de apoio, se restringe as cartilhas. Na concepção de Sebra e Dias (2011, p.307), nos métodos sintéticos, os procedimentos se dão de um elemento menor para que o indivíduo alcance elementos maiores.

1.3.1.1 Método alfabético/soletração

Sob fortes influências da linguística surge o método alfabético também conhecido como soletração tendo como princípio de que a leitura parte da decomposição oral das letras do alfabeto, depois, todas as suas combinações silábicas e, em seguida, a formação de palavras. A partir daí, a criança começa a ler sentenças curtas e vai evoluindo até conhecer histórias. Nesse processo, o aluno soletra as sílabas até decodificarem as palavras. Ex: c + a = ca; l + a = la- cola. Este método também recebeu muitas críticas a respeito quanto ao uso da repetição.

Figura N.º 03: Método Alfabético



Fonte: <https://www.didatiquei.com.br/2020/05/metodo-l-f-b-e-t-i-c-o.html>. Acesso em 22 maio.de 2022.

Nesse processo o professor ensina o alfabeto, (maiúsculo e minúsculo), de forma isolada, para depois ensinar as sílabas, palavras e textos. Para Salina (2015),

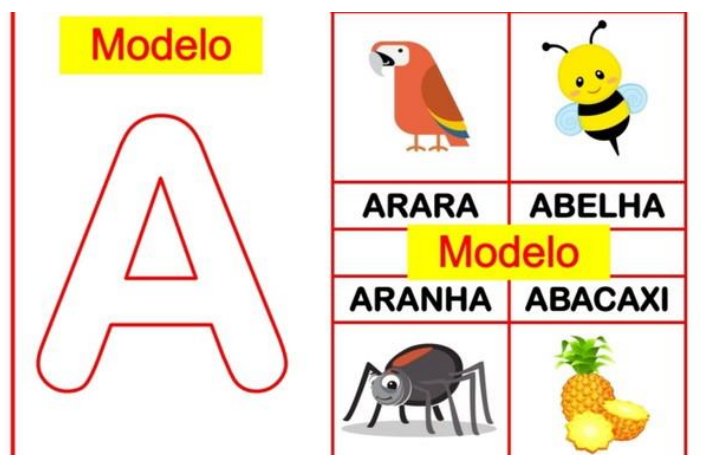
Cada letra é compreendida como um fonema, o processo parte dos sons mais simples para os sons mais complexos, ou seja, as vogais são as primeiras letras serem apresentadas aos alunos (sua forma e som), seguida pelas consoantes, somente depois são estabelecidas, de maneira gradual, as relações mais complexas. (p.15).

O método alfabético, também é muito criticado na atualidade por alguns professores por compreenderem que a criança deve começar a ler por um método que a levem a formular hipóteses. Carvalho (2010, p.22), diz que nesse método “[...] o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são aprendidas de cor e com elas se formam palavras isoladas. [...]”. Esse método tem como objetivo a combinação entre letras e sons. Nesse processo de aquisição da leitura o aluno, esse método se baseia no ensino do código alfabético de forma dinâmica dito de outro modo, relaciona-se os sons com letras. Assim, ao utilizar esse método, o professor deve realizar o planejamento, focando ainda em atividades lúdicas em sala de aula.

1.3.1.2 Método fônico

No processo fônico, o professor apresenta uma palavra vinculada à imagem e ao som de um objeto correlacionado a um fonema, conforme apresenta-se na figura a seguir:

Figura N.º 04: Método fônico



Com esse método, o professor aproxima os alunos à apropriação da escrita e leitura, sendo um método bastante utilizado, que pode ser encontrada nos livros didáticos adotados pelas escolas. As críticas também são muitas em relação a esse método porque o considera um método ultrapassado e ineficaz. “A defesa é que o método fônico faça parte do processo de alfabetização, mas não seja o único método (Soares, 2020, p.1). No entanto afirma Fontes e Benevides (2022, p.3), afirmam que nesse método, “a atenção está direcionada à dimensão sonora da língua, assim, inicia-se o processo ensinando a forma e o som das vogais, depois das consoantes, em seguida, cada letra é aprendida como um fonema que, unindo a outro, formam-se as sílabas e depois as palavras”. Apesar desse ensino ser considerado por alguns como ideal, ao nosso ver, não contribui para a ampliação do vocabulário dos estudantes.

1.3.1.3 Método silábico

No método silábico, o professor trabalha com o som das letras, a partir de figuras ou palavras. Esta metodologia silábica designa que o aluno aprenda inicialmente as sílabas e as combinações entre elas até que cheguem as palavras, o desenvolvimento da aprendizagem é realizado inicialmente por uma leitura altamente mecânica do texto seguido de uma decifração das palavras em seguida ocorre à leitura com compreensão.

Figura N.º 05: Método silábico



Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/08/16/metodos-de-alfabetizacao-entenda-a-diferenca-entre-o-fonico-o-global-e-os-demais.ghtml>. Acesso em 05 junho de 2022.

De acordo com Fontes e Benevides (2022, p.3), o método silábico se caracteriza “por sua ênfase excessiva aos mecanismos de codificação e decodificação, apelando para a memorização como recurso didático que, por sua vez, desconsidera a capacidade de compreensão do aluno”. Esse tipo de método, é considerado falho por alguns professores, pois, quando o professor ensina as sílabas complexas, torna-se difícil a compreensão pelos alunos, como a exemplo as sílabas: “er” ou “der”, a palavra erva, ou dermatose. Por outro lado, a quem defenda este tipo de método, porque entendem que a criança aprende a lê com maior desenvoltura passando a se interessar pela leitura.

1.3.2 Método analítico

Utilizando esse método, no processo de alfabetização o professor inicia pelas unidades maiores como frases ou palavras, para então alcançar aos elementos mínimos como as sílabas e as letras, estando dividido em processo de palavração, sentencição e global. Para Casasanta (2005), este tipo de método contribui para,

Favorecer as condições para o desenvolvimento de interpretação, devidos aos processos mentais peculiares-memória, atenção, raciocínio, além no pensamento do que se lê, base de todo o processo de interpretação. As operações lógicas mais complexas, implicadas na percepção das unidades maiores do pensamento. Treinando a capacidade de aprender o sentido e grandes unidades, forma o hábito de focalizar o espírito exclusivamente no pensamento do que lê, base de todo o processo de interpretação (Casasanta, 2005, p.157).

Os métodos analíticos de uma forma geral colaboram para despertar na criança o desejo de aprender sem que este processo se torne cansativo e repetitivo. No entendimento de Galvão e Leal (2005) ensinando com os métodos analíticos, parte-se das unidades significativas da linguagem – palavras, frases ou pequenos textos – para depois chegar à análise das partes menores que as constituem - sílabas e letras. Já Carvalho (2005, p.33) completa ao afirmar que esse método “propõe uma mudança radical na forma de trabalhar

com a alfabetização, pois toma como ponto de partida para o ensino da língua escrita unidades mais amplas, como o conto ou frases, para chegar ao nível da letra e do som”.

1.3.2.1 Método palavração

O Processo de palavração é um processo na qual parte-se de uma palavra com sílabas simples e posteriormente inicia -se o ensino das sílabas complexas, e consiste em apresentar palavras com suas respectivas imagens para o aprendizado e a memorização, levando o aluno a aprender a reconhecer a palavra a figura associada e pela visualização gráfica das letras.

Figura N.º 06: Método de palavração



Fonte: https://1.bp.blogspot.com/-VNgmaE2LYrs/XyDYRJA0ebi/AAAAAAAAAuVo/3khacO924PALEMnWG5K_btL3FepceLUSwCLcBGAsYHQ/w400-h225/maxresdefault.jpg. Acesso em 05 junho de 2022.

De acordo com Frade (2005) e Vieira (2017), nesse tipo de método a unidade de análise é a palavra, e a ênfase é no processo de utilização de uma palavra-chave, que é decomposta em sílabas, e memorizada por meio da visualização de uma imagem. Sendo assim, o método da palavração e o método silábico possuem semelhanças. Para Carvalho (2005) esse método propõe o ensino das primeiras letras a partir de uma palavra-chave, conforme se apresenta na figura acima, que é destacada de uma frase ou texto; essa palavra é desmembrada em sílabas, as quais são recombinadas para formar novas palavras. Na sala de aula, as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização da imagem. O professor pode utilizar cartazes com a figura e com o nome de um lado. Esse método contribui para a melhoria da escrita.

1.3.2.2 Método sentencição

O método de sentencição inicia-se pelo aprendizado a partir de uma frase, de onde são retiradas as unidades mais simples como as sílabas. No entendimento de Frade (2005) no método de sentencição, a unidade mínima é a sentença, através da qual utiliza-se um grupo de palavras com sentido, que após reconhecimento e compreensão, é decomposta em palavras isoladas e por fim em sílabas. Dito de outra forma, o professor utiliza frases curtas, que tenham sentido completo e que apresentem uma sequência de dificuldades crescentes, como se desenha abaixo:

➤ **Frase > Palavra > Sílabas > Letra**

Esse tipo de método, se for aplicado pelo professor com o vocabulário conhecido pelo aluno, passa a ser um método construtivista, muito indicado no processo de alfabetização, pois utiliza-se dos conhecimentos que a criança traz para a escola, deixando-se de lado, o emprego de cartilhas e passando a trabalhar com palavras do dia a dia do aluno. Dentro dessa ótica, Soares (2004, p.106) comunga com a ideia de que “quando os textos estão ligados aos assuntos do seu cotidiano, a criança tem seu interesse estimulado, pois entende que a língua oral e escrita tem significados na sua realidade”.

1.3.2.3 Global de contos

O método global de contos consiste na utilização de pequenas histórias. Nesse método o professor faz o desmembramento de um texto em frases e sentenças, para depois o aluno reconhecer as palavras, sua divisão em sílabas, e a formação de novas palavras com as sílabas já estudadas (Frade, 2005). Este tipo de método, Moraes (2005) diz que é uma ampliação do método sentencição. “conhecido como conto e estórias, sendo formado por várias unidades que contemplem o início, meio e fim, geralmente ligado por frases na qual estimulem o interesse e participação do aluno “(p.157). É um método utilizado no ensino da leitura e da escrita e colabora para fazer com que a criança entenda que ler é ao mesmo tempo descobrir o que está escrito. Neste sentido, pode-se afirmar que o método global começa por um texto para em seguida fragmentá-lo em frases e palavras, para que os alunos identifiquem as partes que o compõem.

Diante da exposição dos tipos de métodos, compreendemos que o método eficaz é aquele que leva o aluno a aprender ler, a escrever, a interpretar e a dar um novo significado àquilo que leu.

1.4 Alfabetizar: quais paradigmas?

Atualmente vivemos em um contexto educacional onde o professor necessita possuir a sensibilidade de conhecer o que impossibilita os seus alunos de desenvolverem com sucesso a leitura, pois, é muito comum encontrarmos crianças que chegam ao 9.º ano do ensino fundamental, que ainda não conseguem consolidar a leitura e a escrita correta das palavras. É um problema que tem inquietado os professores já que esse é último ano dessa etapa da educação, para no ano seguinte prosseguir seus estudos no ensino médio.

A leitura é um dos principais percursos para o aluno alcançar o conhecimento em todas as áreas do saber, por isso que ler é mais do que codificar e decodificar símbolos. Para tal se faz necessário que o leitor busque uma interação com o texto como também com o autor.

A prática da leitura deve ser uma rotina constante na sala de aula, não somente nas aulas de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas do currículo escolar. Todavia, a escassez dessa prática, logo nos primeiros anos da vida escolar, tem promovido erros ortográficos, e conseqüentemente produções textuais incompreensíveis, ou seja, sem coerência e clareza.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs, esclarece que “o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência (Brasil, 1998, p.21). Nesse sentido, para desenvolver tanto a escrita como a leitura, é preciso que o aluno seja estimulado, por meio de atividades enriquecidas com imagens, frases e textos, caso contrário, ele encontrará severas dificuldades de interpretar e resolver qualquer tipo de enunciado proposto, porque para que isto aconteça,

deve-se antes de tudo saber ler. Quem é alfabetizado, certamente terá melhores condições de se desenvolver numa sociedade em que quem ler bem, faz todo um diferencial.

1.5 Abordagens pedagógicas e suas influências no processo de alfabetização

O conhecimento humano é explicado diversamente em sua gênese e desenvolvimento, o que condiciona conceitos diversos de homem, mundo, cultura, sociedade, educação, etc.:

[...], “pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar” (Veiga, 2002, p.7).

Nessa citação, está posta o currículo escolar que direciona todo o conteúdo a ser trabalhado, e sendo assim, ao ser mediado na sala de aula o professor precisa buscar caminhos que o leve a sistematizar, devendo ser uma ação criteriosa e reflexiva, de tal modo que possa contribuir para formação de sujeitos aprendentes, os quais sejam capazes de promover resultados satisfatórios no sistema educacional e como consequência na sociedade em que vivem.

Ao abordar o conteúdo na sala de aula, se faz preciso alertar, que ele deve ser introduzido de modo sistematizado, e não como um assunto solto, do tipo tradicional muito empregado ainda nos dias atuais, em que o professor “chega na sala de aula e diz, vamos estudar hoje tal assunto”, o explana sem relacioná-lo à vida cotidiana dos estudantes. Esse tipo de abordagem é condenado por diversos teóricos, entre eles Freire, (1996), Sandroni e Machado (1998), Mizukami (1986), dentre outros, que concebem que ao ensinar o conteúdo, o professor deve observar as estratégias de como o gênero foi composto, a linguagem utilizada, o contexto em que geralmente circula, as intenções do autor, para quem se destina. É importante situar o aluno naquilo que lhe é transmitido, para que ele possa refletir, criar e tirar as suas próprias conclusões. De acordo com Mizukami (1986), algumas abordagens na forma de apresentar o conteúdo, apresentam claro referencial filosófico e psicológico, ao passo que outras são intuitivas ou fundamentadas na prática, ou na imitação de modelos. No

entendimento de Betti (2002), é necessário propor conteúdos, metodologias e estratégias, que possam ser aplicadas aos diferentes níveis de ensino. Nas considerações de Braga (2021) existem sete tipos de abordagens pedagógicas conforme se descrevem a seguir: a tradicionalista, a comportamental, a humanista, a cognitivista, a histórico-crítica, a libertadora e a libertaria.

A abordagem tradicionalista, nesse tipo de abordagem o estudante na concepção do professor é um ser neutro, desprovido de saberes, e o professor é a figura forte, ou seja, o professor é o detentor do saber (Freire, 1996). Nos estudos de Castanho (2000, p.81):

[...] no ambiente educacional convencional mesmo os bons professores trabalham na perspectiva de transmissão de conhecimento, o que é aceito ou até esperado pelos alunos. Pautam sua prática em suas próprias vivências como alunos, repetindo as experiências que consideram positivas e evitando as negativas, acarretando assim um ciclo de reprodução.

Nos dias atuais, este tipo de abordagem não corresponde mais ao atual momento em que a sociedade vem passando, que é o de formar pessoas capazes de refletir e transformar o ambiente em que vive.

Na abordagem comportamental, o aluno passa a ter um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o conhecimento é adquirido de forma empírica, pela experiência adquirida pelo aluno. É ele que por meio da reflexão, vai construindo seu próprio aprendizado. Quanto a isso, Mizukami (1986, p.19) postula que este tipo de abordagem.

Se caracteriza pelo primado do objeto (empirismo). O conhecimento é uma ‘descoberta’ e é nova para o indivíduo que a faz. O que foi descoberto, porém, já se encontrava presente na realidade exterior. Considera-se o organismo sujeito as contingências do meio, sendo o conhecimento uma cópia de algo que simplesmente é dado ao mundo externos.

Assim o papel do professor está centrado “em planejar e desenvolver um sistema de ensino-aprendizagem que maximize o desempenho do aluno e, dentro do leque de atuações

do professor, realizar reforços positivos e negativos, que vão acelerar ou reprimir algum comportamento consolidam-se [...]” (Braga, 2021 s/p).

A abordagem humanista, nos estudos de Moreira (2011, p.139), [...] visa a aprendizagem ‘pela pessoa inteira’, uma aprendizagem que transcende e engloba os três tipos gerais: cognitiva, afetiva e psicomotora [...], cujo foco, está na autonomia do estudante, e a criatividade e subjetividade são valorizadas pelo professor. Nesse processo, a diversidade de saberes, a participação e a interação de todos, refletem sobre a construção do aprendizado como também, sobre as relações interpessoais estabelecidas entre os estudantes. É através das relações que se estabelece dentro da sala de aula, que os estudantes aprendem, e se respeitam tornando-se pessoas mais humanizadas. Essa abordagem se baseia nas relações interpessoais, na elaboração da personalidade do indivíduo, no ensino centrado no estudante (Lima; Barbosa e Peixoto, 2018).

A abordagem cognitivista, foi desenvolvida por Jean Piaget, que se baseia no fato de que o verdadeiro aprendizado só se concretiza quando o aprendiz é capaz de elaborar o conhecimento próprio, tornando-se protagonista de seu próprio saber. O objeto dessa abordagem de acordo com Mizukami (1986, p.59) “vai além dos fatores externos ligados ao aluno, assim como o aluno não é somente considerado produto do ambiente, as emoções são consideradas e articuladas ao conhecimento”. Nessa abordagem o aluno observa, experimenta, compara e levanta hipóteses, e o professor tem como missão desenvolver situações desafiadoras para trabalhar.

A abordagem a histórico-crítica, traz a construção de uma aprendizagem que não seja por repetição, nela, o professor ter o papel central de levar conhecimento ao estudante. Apesar, do professor ser a figura central nesse processo, a finalidade é promover a formação de indivíduos críticos e que podem alterar sua realidade. Para Saviani (2011), o domínio do conhecimento por parte das classes dominantes é um dos fatores que se opõe a autonomia da classe trabalhadora e que neutraliza sua luta, daí a necessidade do rompimento como *status quo*.

Na concepção de Saviani (2005, p.141),

Quanto às bases teóricas da pedagogia histórico-crítica, é óbvio que a contribuição de Marx é fundamental. Quando se pensam os fundamentos teóricos, observa-se que, de um lado, está a questão da dialética, essa relação do movimento e das transformações; e, de outro, que não se trata de uma dialética idealista, uma dialética entre os conceitos, mas de uma dialética do movimento real. Portanto, trata-se de uma dialética histórica expressa no materialismo histórico, que é justamente a concepção que procura compreender e explicar o todo desse processo, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo.

Essa abordagem se fundamenta no materialismo histórico-dialético, que é em outras palavras a realidade vivenciada e compreendida pelos alunos a partir dos contextos político, social, econômico e cultural. Cabendo ao professor, instigar no aluno a sua curiosidade em apreender a aprender (Morin, 2011).

Em relação a abordagem libertadora, tem como percussor Paulo Freire, propondo que o ensino e aprendizagem deve ser um ato significativo, valorativo dos processos socioculturais, tendo como referência uma educação problematizadora, conforme em sua fala se destaca a seguir:

Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente via a ser (Freire, 1980, p.118).

Segundo o autor, o ser humano é um sujeito social, e pôr o ser, é ativo e capaz de conquistar a transformação política e social. Esse reconhecimento, revela sua origem que se encontra enraizada no processo de libertação.

A abordagem libertaria fomenta a educação como recurso para a transformação social. Com ela, os conteúdos escolares são disponibilizados aos alunos, mas não vistos como obrigatórios, já que a ideia é o conhecimento ser como um fruto da experiência coletiva (Braga, 2021). É uma abordagem que foge do propósito do que impõe o currículo escolar, no qual todos os conteúdos já são pré determinado e, portanto, o aluno não tem essa opção de escolha. Nos anos iniciais, essa abordagem fica distante do fazer do professor, uma vez que os conteúdos precisam estarem ajustados com todas as turmas dessa modalidade de ensino.

1.6 Linguagem oral/escrita

As modalidades oral e escrita se constituem como universos específicos de linguagem levando-se em consideração que elas possuem características próprias. A escrita parece caminhar para o espaço da totalidade, do distanciamento máximo entre produtor e interlocutor, já a oralidade implica em um envolvimento maior entre os falantes. Sendo assim, tanto a linguagem oral como a linguagem escrita são duas manifestações da linguagem verbal visando estabelecer uma comunicação. Nessa perspectiva, Martins (2012, p.118), referindo-se ao desenvolvimento da linguagem assinala que:

[...] para que a criança adquira o referido domínio não lhe basta, meramente, o contato social com a linguagem. É imprescindível a sua exposição a ações educativas que lhe favoreçam a compreensão e o uso da linguagem em seus aspectos fonéticos, léxicos e gramaticais; que objetivem a correta articulação dos sons constitutivos das palavras (dicção); que impulsionem a formação de um amplo vocabulário e que ensinem a ordenação e a articulação das palavras nas orações. As aquisições que devem ter início nessa etapa são importantes requisitos para a futura aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse processo, de transformação das dimensões elementares em direção à complexificação do psiquismo humano, é onde se desponta a formação dos verdadeiros conceitos.

Nesse direcionamento, para que a escola tenha êxito na exploração da oralidade e a escrita dos alunos, se faz necessário que se organize, ofertando uma gama de atividades que possibilite ao aluno, conforme se expressa no PCNs de Língua Portuguesa a:

- Utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;
- Utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento: sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos, reconstruindo o modo pelo qual se organizam em sistemas coerentes; sendo capaz de operar sobre o conteúdo representacional dos textos, identificando aspectos relevantes, organizando notas, elaborando roteiros, resumos, índices, esquemas etc.; aumentando e aprofundando seus esquemas cognitivos pela ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas;
- Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos: contrapondo sua interpretação da realidade a diferentes opiniões; inferindo as possíveis intenções do autor marcadas no texto; identificando referências intertextuais presentes no texto; percebendo os processos de convencimento utilizados para atuar sobre o interlocutor/leitor; identificando e repensando juízos de valor tanto socio ideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; reafirmando sua identidade pessoal e social;
- Conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;
- Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades;
- Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica (Brasil, 1998, pp.32 -33).

Caso contrário, a questão da oralidade e da escrita serão apenas utilizados de forma artificial, sem o cuidado de observar e perceber as brechas e lacunas que tem dificultado o processo de linguagem e comunicação na apreensão do saber.

1.6.1 Fases da construção da escrita

Aprender a ler é de grande importância para a vida de qualquer pessoa, principalmente das crianças, visto que, a leitura é essencial para o processo de ensino-aprendizado satisfatório, pois, é por meio dela que se abrem novos horizontes e torna-se possível compreender e aprofundar conhecimentos sobre o mundo, seus problemas e assim atuar nele efetivando seu papel como cidadão. A esse respeito Santos et al., (2019, p.3 - 4), comentam:

A criança desde pequena institui de alguma forma o significado de ler e escrever. Assim como, ainda bebê, se exercita maravilhada, repetindo sons/sílaba, passo essencial na aprendizagem da fala, encontra-se mais tarde no desenho de letras e palavras até que um dia se percebe “leitora” e “escritora”, seu entusiasmo não vem do fato de dominar uma técnica de coisas desconhecidas. Trata-se, dessa forma de perceber-se capaz de penetrar num mundo novo, cheio de mistérios a desvendar, de começar a escrevê-lo. Uma vez que a leitura é, sobretudo a compreensão dos outros, a escrita é, sobretudo a compreensão do próprio sujeito, porque ambas ajudam a ver além das letras, a criar além das palavras.

Neste contexto, as crianças que não aprendem a ler, também apresenta dificuldades na escrita.

É comum as crianças logo nos primeiros anos de sua vida, pegar uma folha e um lápis e imitar a escrita de um adulto, rabiscando e com o tempo esses traços passam a ser compreensível, desenvolvendo dessa forma a escrita. Para Ferreiro e Teberosky (1999) a criança tem ideias próprias sobre o que escreve e formula hipóteses ao expressar-se por meio da escrita. A aprendizagem vai aos poucos acontecendo na medida em que constrói o

raciocínio lógico e apresenta o processo evolutivo de aprender a escrever, passando por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses. Para as autoras, a escrita divide-se em períodos, caracterizando-os em níveis diferentes e vai depender do amadurecimento intelectual de cada um.

Os níveis de alfabetização têm um valor significativo para o professor, pois serve para indicar o grau de conhecimento no qual as crianças estão desenvolvendo. Por isso, é importante compreender em qual nível de alfabetização as crianças se encontram, se no nível pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético, para que o professor possa criar atividades que lhe favoreçam avançar na sua aprendizagem.

Figura N.º 07: Níveis de alfabetização



Fonte: <https://www.clubedoportugues.com.br/niveis-de-escrita/> Acesso em 09 julho de 2022.

1.6.1.1 Pré-silábico

No período pré-silábico a criança utiliza-se de rabiscos, garatujas, pois ainda não compreende que a escrita representa a sequência sonora das palavras. De acordo com Silva e Miranda (2020, s/p): “No nível de escrita pré-silábica, a criança não consegue relacionar correspondência entre as letras escritas com o som da língua falada”, assim, o papel do professor nessa fase é engenhoso, pois é ele que fornece estrutura auxiliando a criança a crescer em suas habilidades tanto de leitura quanto da escrita.

Figura 08: Nível pré-silábico

Pré-silábico	
MACACO	AIVRPM
PEDRA	OACKHK
BOTA	OIOACKIKKIPM
CAFÉ	HYKBER

Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/3993/399362880012/html/>. Acesso em 23 de agosto de 2022

Nesta etapa a criança não consegue fazer a relação entre grafema e fonema, passando por uma fase de imaginação, pensando que a palavra é o reflexo do tamanho da figura, como por exemplo, a dizer a palavra “elefante” elas concluem que seria escrita com muitas letras pelo tamanho do animal “em contrapartida a palavra “pedrinha” seria escrita com poucas letras. Nesse período mesmo sem a mediação de um adulto a criança cria duas hipóteses: Hipótese de quantidade mínima e hipótese de variedade (Ferreiro, 1999).

Na primeira hipótese é necessário que a criança escreva pelo menos duas ou três letras para que algo possa ser lido. No entanto, na segunda hipótese, a criança percebe que é necessário criar um repertório de letra, ou seja, ela compreende que no interior de uma palavra as letras precisam ser variadas. Exemplo: Não é permitido apenas fazer uso das vogais, ou só de consoantes, as letras precisam ser alternadas entre vogais e consoantes (Ferreiro, 1999, p.209).

Nesse período, a criança ainda não conhece criar significados para os sons, mas percebe que a escrita representa o que ela diz, e o faz por meio de rabiscos e desenho.

1.6.1.2 Nível silábico

No período silábico ocorre uma evolução bastante significativa no processo da aquisição da escrita e nesse nível a criança já consegue compreender e relacionar a escrita com os fonemas das palavras, embora ela ainda não possua a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Figura 09: Nível silábico

MACACO	MK ^o
PEDRA	PA
BOTA	OT
CAFÉ	KF

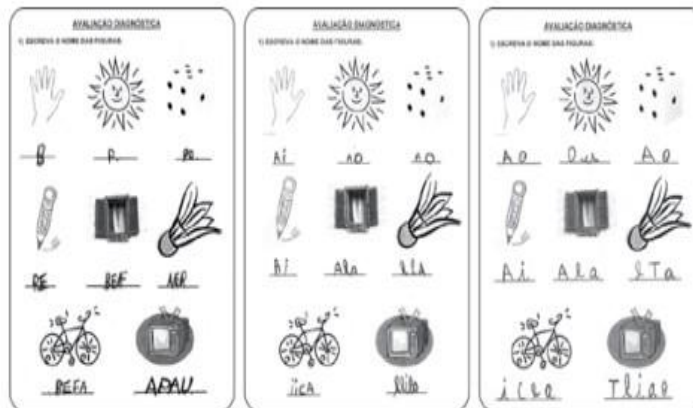
Fonte: [esearchgate.net/figure/FIGURA-6-Escritas-de-nivel-silabico-estrito-com-valor-sonoro_fig3_338939362](https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-6-Escritas-de-nivel-silabico-estrito-com-valor-sonoro_fig3_338939362). Acesso em 30 de junho de 2022.

Assim, nessa fase a criança consegue escrever palavras de maneira espontânea, discernindo “discretamente a relação entre fonema e grafema. Isso é demonstrado a partir do momento em que a criança não permite a sobra de letras diante da escrita de uma palavra” (Ferreiro, 1999, p.209). Nesse caso, a escrita silábica irá seguir uma regra bem comum de ser vista no ambiente escolar, na qual ela escreve uma letra para cada sílaba pronunciada, pode aparecer em dois tipos: silábica quantitativa e qualitativa.

1.6.1.2.1 Silábico qualitativo

A fase silábica qualitativa, também é conhecida como sem valor sonoro, a criança utiliza uma letra para cada sílaba pronunciada, em certas situações o aluno usa letras que não correspondem às sílabas orais da palavra.

Figura N.º 10: Fase silábica qualitativa



Fonte: <https://cursocompletodepedagogia.com/wp-content/uploads/2020/11/Exemplos-de-escritas-de-criancas-com-hipoteses-silabicas.jpg#main>. Acesso em 23 de agosto de 2022.

1.6.1.2.2 Silábica quantitativa

A fase silábica qualitativa, é o período também conhecido como valor sonoro, pois a criança usa uma letra para cada sílaba falada. Estas letras estão em consonância com o som da sílaba, em alguns casos elas podem colocar apenas consoantes, como MKL para a palavra Micaele, “mesmo diante de grandes avanços a criança irá vivenciar uma série de conflitos, por ver que escreve as palavras com poucas letras do que as palavras escritas por um adulto, ou por outras crianças já alfabetizadas” (Ferreiro, 1999, p.210).

Figura N. °11: Fase silábica quantitativa



Fonte: mundinhodacrianca.net/2018/08/fases-da-alfabetizacao-saiba-quais-sao-e-como-identifica-las.html.

Acesso em 26 de agosto de 2022.

Nesse processo o aluno consegue perceber,

[...]os sons das sílabas como segmentos da palavra a ser escrita, mas supõe que apenas uma letra pode representá-las graficamente, podendo ou não ter o valor sonoro convencional – por exemplo, BNDA (silábico quantitativo) ou ELFT (silábico qualitativo) são quatro letras que podem representar a palavra elefante (Bregunci, 2022, s/p).

A partir dessa fase a criança escreve as sílabas completas (simples) e em outra ocasião usa apenas uma letra para representá-la.

1.6.1.3 Silábico alfabético

No período silábico alfabético a criança já apresenta um enorme salto qualitativo, pois ela passa a perceber que a escrita registra os pedaços sonoros das palavras, alguns teóricos defendem que esta etapa de transição, não estabelece um novo nível ou hipótese, mas um

momento de transição, embora ao perceber uma palavra a criança irá notar que utiliza duas ou mais letras para escrever uma certa sílaba, e em outro momento volta a registrar apenas uma letra para cada sílaba. Algumas crianças utilizam-se de letras como B-C-D-G-K-P-Q-T-V-Z, onde respectivos nomes correspondem a (consoante - vogal) tendo a aparecer substituindo sílabas inteiras na escrita das crianças, nesta etapa é comum encontrarmos kbça para a palavra cabeça e ptk para a palavra peteca (Ferreiro, 1999, p.210).

Figura N. °12: Fase Silábico alfabético



Fonte: <https://slideplayer.com.br/amp/331054/>. Acesso em 30 de set.2022.

O período alfabético, é uma fase onde a criança já compreende o sistema notacional, escreve letras para cada um dos sons que aparece em cada sílaba, ou seja, a criança já consegue distinguir a relação grafema fonema, embora em seus registros de escrita as palavras ainda apareçam com muitos erros ortográficos. É apenas nesta fase que o aluno deve começar a refletir de forma sistemática sobre as intervenções ortográficas, para então mais adiante iniciar a escrita frequente com letras cursivas (Ferreiro, 1999, p.210).

Estes períodos são de grande importância para o processo de aquisição da escrita, visto que o professor necessita ter uma sensibilidade de compreender cada fase de transição

da criança, fazendo a mediação e compreendendo que mesmo quando o aluno alcance o período alfabético, isto não vai significar que ele esteja alfabetizado, pois seguindo esta fase, ele necessita compreender como o Sistema de Escrita Alfabética - SEA funciona, como também necessita dominar as relações entre som e escrita. No entanto, a consolidação da alfabetização irá ocorrer por volta do segundo e terceiro ano do Ensino fundamental I, pois a partir deste fechamento de ciclo é esperado que a criança leia, reproduza e crie textos com autonomia” (Ferreiro, 1999, p.210).

1.7 Concepções de leitura

A importância da leitura na vida das pessoas é um assunto inquestionável, isto porque, é através dela que as pessoas se comunicam e se relacionam com o mundo, colaborando com o desenvolvimento da autonomia que cada um necessita para viver em sociedade, essa, repleta de desigualdades sociais, que de forma urgente necessita de pessoas para atuar de forma reflexiva e crítica, e que sejam capazes de construir sua própria história por meio da prática da produção textual.

Segundo Alves e Leite (2018, p.1007):” Ler, escrever, interpretar e produzir textos com eficiência e com eficácia são requisitos básicos para a compreendermos melhor a realidade e ter uma melhor atuação nos diversos contextos sociais [...]”, essas ações são necessárias para o aprimoramento da prática na construção dos diversos tipos de textos, presentes no meio social.

No ambiente escolar, em muitas escolas tem sido observado que as aulas de língua portuguesa voltada a produção textual são trabalhadas como uma prática mecânica, ou como um exercício de treinamento e não como um ato social de interlocução, que não favorece uma boa aprendizagem, tendo como consequência uma produção sem conexão com os parágrafos e com bastante erros ortográficos.

Na prática da produção textual, o professor deve primar por ensinar o aluno a produzir seus textos contextualizando seus pensamentos de forma organizada, ensinando que o texto possui, início, meio e fim, e que essas partes precisam se conectarem. Senão a mensagem que se quer passar para o leitor ficará confusa e sem sentido. Para Souza e Garcia (2012, p.53) é

importante levar o aluno a “[...] reconhecer os traços que constituem as letras”; “[...] conhecer a relação que os grafemas estabelecem com os fonemas correspondentes; compreender a produção de sentidos a partir da triangulação entre grafema, fonema e situação de ocorrência”. Sob essa problemática, Alves e Leite (2018), afirmam que:

Pensar em como tornar alunos que dominam a leitura e a produção de textos, preparados para as exigências de uma sociedade letrada, implicaria na necessidade de discutir como promover e estimular reflexões que envolvam todo o corpo docente, além de outros profissionais que atuam no espaço escolar, visando um objetivo comum (p.1007).

A Produção textual dos alunos predispõe que seja analisada pelo professor para que os elementos necessários que concorrem para uma redação coerente e coesa, seja de fato avaliada e devolvida ao afim de colaborar para que ele perceba e reflita sobre seus possíveis erros. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1997, p.19), “essas evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa (LP) com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita”. Portanto, é importante que se promova mudanças curriculares, servindo também de ferramenta que colabore para a promoção da melhoria das aprendizagens, e ao mesmo tempo, que democratize os problemas que esses apresentam em especial na escrita e na leitura visando a redução das desigualdades sociais, tão vista em nosso país. É através da leitura que se pode enxergar os problemas sociais e buscar meios de combatê-los.

1.8 Letramento: O processo da leitura

O surgimento da palavra Letramento, bem como seu conceito foram introduzidos há tempos através da linguagem da educação e das ciências linguísticas. Nessa época compreendia-se que alfabetizar era uma ação que exigia um amplo conhecimento bem maior do que a forma tradicional de ensinar para que a alfabetização de fato se concretiza-se. Geraldi (1985), diz que no início da década de 1980, o sistema escolar propunha um ensino de linguagem que substituísse o “o quê”, “o como”, e “o por quê” ensinar, para o “para quê” ensinar: “para que” o professor ensina o que ensina em língua? (p.42). Esses questionamentos já mostrava a preocupação com um ensino de língua escrita que fazia com que o próprio

professor refletisse sobre a relação de ensino, ou seja, questionando qual propósito que ele ensinava a ler e a escrever. No entendimento de Mendonça (2009) alfabetizar é antes de tudo promover a capacitação de uma criança ou adulto para interagir com a leitura e a escrita, codificando signos para uso social, e para isto, exige por parte de quem alfabetiza lançar mão de métodos eficientes que contribuam de forma efetiva com o processo de aprendizagem. Nesse sentido pode se afirmar que fazer uma pessoa ler e escrever é incluí-lo no convívio da sociedade de maneira bem mais efetiva acarretando em mudanças na vida desse indivíduo.

Buscando conceituar o termo “letramento”, Justo e Rubio: (2013, p.2), dizem que ele “surgiu da palavra inglesa ‘literacy’ (letrado)”, pois, para esses autores, além de ler e escrever é necessário utilizar a leitura e a escrita nas práticas sociais”. Ainda, segundo os autores, a pessoa que é considerada letrada não é aquela que é versado em letras, mas que além de dominar a leitura e a escrita, faz uso de forma competente e frequente de ambas as ações. Dessa maneira, ao ler, a memória é acessada, e logo se o leitor se apropria das informações são assimiladas.

Na escola, o professor precisa utilizar no contexto da leitura e da escrita, a produção textual, habilidades essas necessárias para tornar uma pessoa letrada. Portanto, deve-se oferecer os mais variados tipos de textos (tirinhas, receitas, bula de remédios, gibis, poemas) entre outros, de modo que o processo de letramento se desenvolva no aluno. Para Melo e Fontinele (2017, p.478), “os gêneros textuais são diferentes formas de textos escritos ou falados que circulam na sociedade tais como: notícia de jornal, receita culinária, conversa ao telefone, piada, romance, carta, bilhete e outros”, trazendo à tona a importância do trabalho com os gêneros textuais de forma sistêmica, na perspectiva de formar pessoas críticas, capazes de atuar em uma sociedade em que a ineficiência da escrita pelo aluno de um bom texto são bastante visíveis no contexto escolar. Frente a essa problemática, os PCNs (Brasil, 1997) citam que:

Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora

A importância da aplicabilidade da literária...42

da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (Brasil, 1997, p.28).

Vale enfatizar que, o domínio da leitura e da escrita depende das condições dada pelos professores e ao aluno no desenvolvimento dessas práticas.

2 FINALIDADE DA LITERATURA NA ALFABETIZAÇÃO

Alguns professores costumam utilizar a leitura como uma maneira de reparar os déficits encontrados em relação as práticas leitoras, utilizando para isso, além de alguns gêneros textuais, os livros literários. Valorizar o texto literário em sua pluralidade e em suas diferentes dimensões é colaborar para o estudo interdisciplinar, integrando os saberes, para tal é preciso que:

[...] “a escola incentive a leitura de obras clássicas em diálogo com produções contemporâneas, numa abordagem que seja simultaneamente diacrônica e sincrônica; o aluno possa compreender a literatura como fenômeno cultural, histórico, ideológico, político, simbólico e social, capaz de dar a ver as contradições e conflitos da realidade; o ensino não menospreze o caráter dialético das obras literárias, como produtos de cultura cuja função é, paradoxalmente, abalar ou subverter os consensos instituídos no âmbito da própria cultura; e o texto literário seja abordado em diálogo com outros produtos ou artefatos culturais” (Dalvi, 2013, p.130).

Se a criança antes mesmo de ir à escola já tem afinidade com a literatura, é importante o professor dar continuidade a esse processo contribuindo assim para o desenvolvimento da leitura a aprendizagem da escrita.

Pensando em incentivar a leitura nas escolas públicas, o MEC o ano de 1997 desenvolveu o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), proporcionando aos alunos e professores o acesso a um acervo de livros literários. Foi uma iniciativa de despertar na escola a relevância de trabalhar com obras literárias, tendo em vista que, muitas vezes os livros literários tem sido desprezados pelos professores e como consequência negado aos alunos essa fonte de saber, que impulsiona a leitura, a escrita e a reflexão crítica dos alunos.

De acordo com Coelho (1994), a literatura é a arte que utiliza como instrumento “a palavra”:

Literatura é Arte, é um ato criador que por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo, espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção (p.23).

Apesar da distribuição dessas obras nas escolas públicas, para a promoção da alfabetização e do letramento, as práticas pedagógicas dos professores ainda permanecem distante do que se almeja com esse programa, uma vez que, “[...] a democratização do acesso à leitura esperada pela distribuição de livros do PNBE, com alcance amplo no que diz respeito a usuários de diversos segmentos [...], parece não ter acontecido como previsto” (Brasil, 2008, p.20). Isto porque, a prática do professor permanece a mesma, ou seja, uma ação que não tem contribuído para mudanças na apreensão da leitura e da escrita logo na infância, estendendo-se esse problema para os anos posteriores na vida acadêmica do aluno. Nesse sentido, Soares (2000), pontua que o professor deve:

[...] orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de texto (p.01).

Quando tratamos da escrita a partir da perspectiva do letramento, temos que considerar a função que exerce na sociedade. Assim a literatura poderá ser usada para construção de conhecimento de acordo com a cultura local.

2.1 Características da literatura

Para alguns autores a literatura são as produções escritas de acordo com a realidade de cada época, de acordo com a cultura vivida, sendo assim um instrumento de comunicação que media o conhecimento de acordo com a cultura relacional de cada período. Para Coelho (1974, p.31-32), a literatura e linguagem passa por funções, como se descreve a seguir:

1. Função lúdica. É a mais generalizada. Neste momento a literatura é vista como um microcosmo, tendo valor em si mesmo, como um jogo, sem ter uma finalidade, sendo destinada apenas para dar prazer, despertar emoções, distrair, alegrar, comover etc.
2. Função pragmática. Considerada a mais importante socialmente, pois é a que atribui uma finalidade prática e utilidade à literatura indo além da estética.
3. Função sintonizadora (sinfrônica). A sua tarefa será ligar os homens de todas as épocas através da fixação de elementos vitais, espirituais, que por serem comuns à condição humana ultrapassam os diferentes estilos de cada época ou cada autor e estabelecem entre a obra e o leitor uma simpatia dependente do tempo e do espaço.
4. Função cognitiva. A literatura é vista como uma forma de conhecimento: um elemento revelador da verdade psicológica dos seres ou da verdade oculta sob a aparência das relações humanas.
5. Função catártica (purificadora). Na poética, de Aristóteles (século IV a.C), já era apontada: “a tragédia, imitação de ações de caráter elevado, completa-se em si mesma, em linguagem ornamentada [...], suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a catarse desses sentimentos”. Há muito tempo vários teóricos veem a literatura como um instrumento de libertação das emoções, tanto para o escritor como para o leitor.
6. Função do elemento liberador do “Eu”. Esta função é uma das mais polêmicas entre as atribuídas a literatura. Pois nela o elemento “eu” se refugia a realidade concreta que o cerca. Fuga que implica na construção de um mundo novo, diferente do real do qual se foge ou que se quer modificar.

Assim, o texto literário possui funções diferenciadas e se concentra, de uma forma geral, na expressividade do seu autor, pois nesse tipo de texto, existe uma série de manifestações poéticas que permitem que haja espaço para o subjetivo, pois em alguns, há o entretenimento do leitor, utilizando, assim, a escrita ficcional. Portanto, a escola deve lançar um novo olhar para o aluno em prol de sua apreensão do processo de leitura, podendo reorganizar-se para atender essa nova demanda, alargando seus laços na busca de uma alfabetização e letramento. Conforme Lajolo e Zilberman (1984);

“Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação” (p.18).

A literatura então, passa a ser uma ferramenta de grande poder que permite o aluno analisar e compreender o mundo e a si mesmo.

2.2 O currículo de Língua Portuguesa no contexto escolar

Na escola tem se notado uma série de problemas que envolvem a questão da linguagem, isto pode estar além da própria gestão escolar, mas a nível de aprendizagem, a falta de reflexão a respeito do currículo de Língua Portuguesa. Muitas vezes o currículo tem se tornado apenas um documento que contém os conteúdos que precisa ser trabalhado pelo professor. Quanto a isto, Veiga (2002), expõe que currículo é:

[...] uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito (p.7).

O currículo de uma forma geral deve levar em consideração as experiências de vida dos alunos, suas expectativas, tornando dessa forma, um documento interdisciplinar Fígaro (2010) comenta a respeito disso e afirma que:

A experiência concreta da vida dos alunos não fica do lado de fora da escola. Conectar os conteúdos escolares ao interesse dos jovens estudantes pressupõe entendê-los como produtores de discursos, em que selecionam, categorizam e

organizam, a partir de suas experiências, todos os enunciados que lhes são dirigidos (p.27).

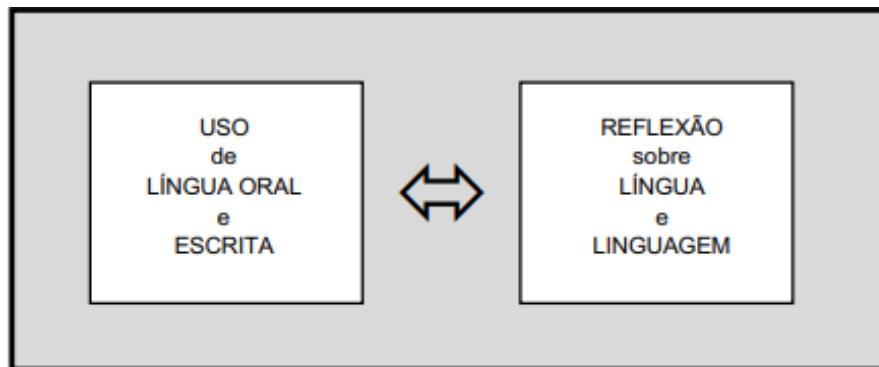
Nesse contexto, torna-se importante perceber a escola como um espaço privilegiado para o desenvolvimento das aptidões cognitivas dos alunos, mas para isso, se faz necessário que ela se adeque às exigências do mundo em que mudanças ocorrem a todo momento, e repense a questão do currículo, compreendendo que ele deve ser pensado numa proposta que seja capaz de suprir as demandas do processo educativo, tendo o aluno como principal autor nesse processo. Nessa direção,

[...] os conteúdos de língua e linguagem não são selecionados em função da tradição escolar que predetermina o que deve ser abordado em cada série, mas em função das necessidades e possibilidades do aluno, de modo a permitir que ele, em sucessivas aproximações, se aproprie dos instrumentos que possam ampliar sua capacidade de ler, escrever, falar e escutar. (Brasil, 1998, p.37).

Todavia, é importante frisar que os conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa, não devem ser trabalhados como algo “solto”, “desconexo” alheios aos problemas da realidade da escola, mas, contextualizados e sistematizados, a fim de superar os problemas de alfabetização de seus aprendentes que tem afetado de forma muito recorrente a leitura e a escrita.

Vale ainda ressaltar que o ensino de Língua Portuguesa deve também contemplar ações norteadoras, posto nos documentos que permeiam a prática pedagógica do professor como os PCNS por exemplo, apontando que “os conteúdos de Língua Portuguesa se articulam em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem, conforme esquema abaixo” (Brasil, 1998, p.34)

Figura N.º 13: Eixos básicos de língua portuguesa



Fonte: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

Para a concretização dos objetivos dessa disciplina, é importante frisar que a escola se organize, e ofereça os alunos diferentes tipos de textos de modo que, possibilite aos seus aprendentes a ler e escrever fluentemente. Esse cuidado com as propostas norteadoras deve ser realizado com critério, e não aplicados de forma artificial, observando as lacunas que tem dificultado o processo de linguagem e comunicação na apreensão do saber.

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Discutir a importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar, exige do pesquisador uma aproximação do objeto de estudo, passando a ser um ponto muito importante no trabalho científico. Nesse sentido o trabalho científico precisa ter o rigor científico, trazendo legitimidade e segurança no qual “os pesquisadores que lidam em áreas que têm espectro profissional precisam ter vivência desta profissionalidade, ter experiência concreta de situações profissionais, caso contrário não constroem uma práxis para alimentar seus problemas investigativos” (Gatti (2003, p.16). Então, pode-se compreender que para o desenvolvimento do trabalho científico, é importante que o investigador determine qual será a metodologia empregada, ou seja, o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (Minayo, 2002, p.15). Além de se traçar a metodologia, também é importante determinar o método científico que será empregado. O método é “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permiti alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas” (Lakatos e Marconi, 2003, p.83). Assim, o método científico e a forma mais segura para compreender os fatos, os fenômenos estudados. Nesse sentido, o método e a metodologia são elementos que se completam, pois ambas têm a finalidade de planejar e organizar o estudo que seja capaz de alcançar os objetivos propostos para a pesquisa.

3.1 Justificativa

O Ministério da Educação – MEC idealiza que estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações, significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. Já o Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, define, no inciso II do art. 2º, a responsabilidade dos entes governamentais de “alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico”. Infelizmente ainda vivenciamos essa dura realidade, de confirmar que muitas crianças têm terminado sua etapa de escolarização sem estarem alfabetizadas funcionalmente.

Diante de tantas discussões sobre Alfabetização, e vivenciando tantas dificuldades vividas nesta municipalidade, faço questionamentos como: o que está acontecendo em nossa escola? Porque os alunos estão chegando no 5º ano sem leitura satisfatória ou alfabetizados? É dentro dessas concepções, que esse estudo se justifica. Esta investigação tem a finalidade de compreender como a alfabetização reflete na leitura literária no Ensino Fundamental primeira fase no município de Campestre de Goiás tem sido organizada para fins de conhecimento letrado, tendo como foco compreender o porquê, que os recursos oferecidos aos discentes não estão sendo refletidos na leitura e escrita de alguns alunos.

Neste fim, este estudo pretende identificar os pontos fortes e fracos do desenvolvimento dos alunos, demonstrando como o trabalho do professor pode ser complementada através da literatura na vida social e cultural dos alunos da Escola Municipal Cristo Rei.

Diante dos meios justificativos é coerente afirmar que os meios tradicionais já não atendem as perspectivas do mundo atual, sendo necessário atualizar as práticas docentes e prover meios para que os alunos se alfabetizem de forma crítica e objetiva. Para Lakatos e Marconi (2003), a justificativa é de suma importância, pois é o único item que expõe as respostas para o porquê de se realizar a pesquisa, apresentando-a de forma sucinta, mas completa, as razões de ordem teórica e os motivos de ordem prática, que tornam importante a realização do trabalho. Sendo essa a justificativa que move esse estudo.

3.2 Perguntas norteadoras

Para lograr êxito ao problema encontrado, surgiram as seguintes perguntas específicas:

- Qual a frequência das práticas de leitura literária tem sido utilizada na sala de aula pelo professor?
- Qual a contribuição da prática de leitura literária na formação de leitores? Como o professor trabalha a leitura literária em sala de aula?
- Quais formações na área literária o professor possui?
- Como é realizada a prática de leitura em sala de aula?

- Qual a reação dos alunos com as aulas de literatura?

Mediante esse contexto surgiu a seguinte problemática: Qual a importância da aplicabilidade da literatura para aprendizagem dos alunos da Escola Municipal Cristo Rei, no município de Campestre - Goiás?

Ainda hoje é muito comum as pessoas atribuírem a culpa ao aluno por não aprender a ler e a escrever. Para muitos professores, ensinar o, bê-á-bá é uma prática que leva o estudante a se alfabetizar. No entanto, é preciso compreender que as pessoas só aprendem, dependendo do estímulo que a ela lhe é oferecido.

Sabe-se que a alfabetização é sem dúvida, uma das prioridades nacionais, estaduais e municipais no contexto atual, sendo notório que o professor alfabetizador tem a função de auxiliar na formação do aluno para o bom exercício da cidadania. E que para poderem exercer essa função, é preciso que tenham clareza do que ensinar; como ensinar; e sobre qual concepção de leitura os alunos estão refletindo à sua prática. A partir dessas concepções a escola poderá sistematizar o sucesso dos resultados com garantia na aprendizagem.

No cenário pedagógico há uma gama de recursos didáticos, que podem contribuir para uma aprendizagem significativa, entre esses, estão: obras literárias, que costumam contar uma história, que de uma forma geral, apresentam textos relacionados a época passadas, levando os alunos a vivenciarem momentos de puro êxtase. Utilizando obras literárias, o professor pode despertar no estudante o prazer pela leitura por meio do desenvolvimento crítico reflexivo, além de possibilitar a este, o conhecimento de culturas passadas, enriquecendo ainda mais seu conhecimento, estimulando por meio da encenação de alguns textos a se redescobrirem.

Para Gil (2002) nem todo problema é passível de tratamento científico, para isto, se faz necessário identificar o que é científico daquilo que não é. Ainda para o autor, o problema é de natureza científica quando envolve variáveis que podem ser tidas como testáveis. Corroborando com o autor, Lakatos e Marconi (2003) dizem que uma vez formulado o

problema, com a certeza de ser cientificamente válido, propõe-se uma resposta “suposta”, provável e provisória, isto é, uma hipótese.

3.3 Objetivos da investigação

Buscando responder a problemática em questão, e com o objetivo de fazer propostas a respeito do fenômeno estudado, foram traçados os objetivos para esta pesquisa, que no entendimento de Campoy (2018), os objetivos funcionam como guias que orientam e definem os rumos da pesquisa. O objetivo geral e os específicos nesse estudo, tentam responder a problemática abordada. De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2018, p.41), o objetivo geral, “diz respeito ao conhecimento que o estudo proporcionará em relação ao objeto”. É o elemento que resume e apresenta central do estudo.

Os objetivos específicos, “são formulados pelo desdobramento o das ações que serão necessárias à realização do objetivo geral” (Minayo, Deslandes e Gomes (2018, p.41). Nesse contexto, apresenta-se os objetivos desta investigação.

3.3.1 Objetivo geral

Analisar a importância da aplicabilidade da literatura na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás.

3.3.2 Objetivos específicos

- Conhecer quais as formações são disponibilizadas para os professores alfabetizadores na área da literatura;
- Verificar se as metodologias utilizadas pelos professores atendem as perspectivas de uma aprendizagem pautada na literatura;
- Identificar como os alunos reagem à didática aplicada através da literatura;
- Analisar de que forma a literatura contribui com a aprendizagem dos alunos.

3.4 Desenho da pesquisa

A elaboração do desenho dessa pesquisa, parte da investigação científica e diz respeito a “importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor”. Nesse sentido, Gonzáles, Fernández e Camargo (2014, p.43), pontuam que o desenho metodológico da pesquisa indica “o tipo de investigação que se pretende realizar, e pela hipótese que se deseja verificar durante o processo”. Corroborando com os autores, o desenho da pesquisa objetiva responder aos objetivos traçados.

Nessa perspectiva, a estrutura metodológica deste estudo, possui o enfoque Qualitativo com abordagem Descritiva.

O enfoque da pesquisa qualitativa, tem como foco observar, analisar e compreender melhor a realidade do contexto educacional contribuindo positivamente para a solução dos problemas inerentes a temática discutida. A escolha dessa abordagem é relevante, na medida em que permite ao pesquisador compreender e descrever os valores, as motivações e as opiniões de cada um dos sujeitos envolvidos na ação. Conforme Marconi e Lakatos (200) a abordagem qualitativa possibilita ao pesquisador descrever o fenômeno estudado sob quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação do fenômeno atual. Esse método de investigação, permite refletir sobre a importância de inserir a literatura como contribuinte da aprendizagem dos alunos, permitindo uma visão sobre o como lidar com esse meio lingüístico com foco no aprendizado do aluno, descrevendo as vivências cotidianas da sala de aula, onde o “[...] significado dessas vivências constituem o núcleo central da investigação e são explorados pelos investigadores e os participantes até à luz da interpretação” (Alvarenga, 2019, p.51). A pesquisa qualitativa permite ao pesquisador adentrar na subjetividade dos sujeitos que irão participar da pesquisa e compreender a real importância de inserir a prática literária no contexto das turmas de 1º ao 5º ano da Escola Cristo Rei.

Em relação a abordagem Descritiva, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006, p.101): “os estudos descritivos, medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado”. A pesquisa descritiva parte de um amplo grau de generalização, que implica no estudo dos fatos em seu modo natural, sem influências do investigador.

O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Esse tipo de pesquisa pode ser entendido como um estudo de caso onde, após a coleta de dados, é realizada uma análise das relações entre as variáveis para uma posterior determinação dos efeitos resultantes em uma empresa, sistema de produção ou produto (Perovano, 2016, p.155).

Para Cervo e Bervian (1983, p.55) a,

Pesquisa descritiva é aquela que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. Os fenômenos humanos ou naturais são investigados sem a interferência do pesquisador que apenas procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.

Diante do foi exposto, ao idealizarmos o desenho da pesquisa, foi importante traçarmos um planejamento para a realização de todas as ações que envolveu o processo investigativo para nos orientarmos em cada etapa do trabalho a ser executado. Nessa perspectiva o papel do pesquisador foi buscar as informações por meio da técnica e do instrumento para a produção de novos conhecimentos.

3.5 Contexto da pesquisa

Campestre de Goiás é um município brasileiro do estado de Goiás que possui aproximadamente 3.662 habitantes, conforme último CENSO. Campestre de Goiás situa-se na região da Bacia do Paranaíba, possuindo um clima favorável ao plantio de e a criação de gado. Além disso, Campestre de Goiás conta com um variado comércio local, agroindústrias, cerâmica, dentre outras atividades, fonte de renda e trabalho para o povo campestrino. A origem do seu nome deu-se devido à povoação ficar à margem do Córrego Campestre, recebeu assim o mesmo nome do Córrego, o que é conservado até o dia de hoje, acrescido apenas de “Goiás”, ou seja, “Campestre de Goiás”.

O município, possui apenas 4 escolas e atendem as comunidades desse município, ofertando a educação infantil, ensino fundamental e médio, além da educação de Jovens e Adultos (EJA).

3.5.1 Delimitação da pesquisa

A Escola Municipal Cristo Rei, está localizada na avenida São Joao - Centro/Campestre de Goiás – GO- CEP: 75396-000, e atende pelo Fone:_(62) 3557-1515, cujo endereço eletrônico é: É uma instituição pública, mantida pelo Governo municipal.

Figura N. ° 14: Escola municipal Cristo Rei



Fonte: Da máquina fotográfica da própria pesquisadora

A escola acima possui a seguinte composição:

Tabela N.º 2: Composição da equipe técnica, professores e discentes da escola

Categoria	Quantidade
Diretora escolar	01
Professores do 1.º ao 5.º ano	07
Professores do 6.º ano	05
Secretário	01
Auxiliar de secretaria	01
Professor de Apoio à Inclusão	04
Coordenação pedagógica	01
Coordenação de turno	01
Coordenação Financeiro	01
Porteiras	02
Guarda escolar	01
Merendeiros	04
Serviços gerais	02
Estudantes	197

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora.

A instituição pesquisada possui boa acessibilidade para as pessoas com deficiência motora. As salas de aula são amplas, compatível com os números de alunos matriculados por turmas.

A Escola Municipal Cristo Rei, oferece o ensino fundamental dos anos iniciais com 7 (sete) turmas do 1.º ao 5.º ano e 02 (duas) do 6.ºano do ensino fundamental. No entanto para esse estudo, apenas as turmas do ensino fundamental serão os sujeitos dessa pesquisa. A referida escola trabalha em três turnos: manhã, tarde e noite, possuindo a seguinte estrutura física:

Tabela N.º 3: Estrutura física da escola

Categoria	Quantidade
Sala de diretoria	01
Sala de professor	01
Salas de aulas	12
Sala do Atendimento Educacional Especializado -AEE	01
Banheiros para funcionários (masculino e feminino)	02
Banheiros para os estudantes (masculino e feminino)	02
Secretaria	01
Cozinha	01
Pátio	01

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Diante do que foi exposto, a escolha desta instituição para esta pesquisa, deu-se por ter se observado que os estudantes do 1.º ao 5.º ano tem apresentado dificuldades no seu processo de apreensão do letramento e insistência de políticas educacionais que favoreça o melhoramento desse cenário. Neste sentido, acreditamos que a literatura pode ser um recurso que pode contribuir para a melhoria da alfabetização escolar e que deve ser trabalhado sistematicamente no ambiente escolar.

3.6 População e amostra

Por ser esta uma pesquisa descritiva com o enfoque qualitativo, o processo para coleta de dados, ocorrerá com professores e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Cristo Rei no município de Campestre -Goiás. Na pesquisa além de conhecer a temática, o pesquisador precisa designar a população como participantes da pesquisa. Como próprio nome diz, participante é aquele que participa da ação que o pesquisador pretende observar e analisar por meio das técnicas e instrumentos no trabalho investigativo. Assim, a investigação tem por finalidade apresentar a melhor maneira de

desenvolver a leitura e escrita nas turmas do 1.º ao 5.º ano por meio da literatura, tendo como mediador desse processo os professores das turmas do 3.º, 4.º e 5.º anos, portanto, são as pessoas que contribuirão para o sucesso da pesquisa, e se tornam “indivíduos do campo de interesse da pesquisa, ou seja, do fenômeno observado” (Kauark, Manhães e Medeiros, 2010, p.60). No entendimento de Pinheiro (2000) os participantes da pesquisa, são pessoas com diferentes posicionamentos durante a interação, dito de outra forma, os posicionamentos assumidos no decorrer da entrevista não incluem apenas entrevistado e entrevistador, mas todo contexto ali envolvido.

3.6.1 Alunos

Cento e vinte (120) alunos do primeiro ao quinto (1º ao 5.º) ano do ensino fundamental. Esses sujeitos serão observados no seu dia a dia da sala de aula, afim de perceber em como tem se dado a inclusão da literatura na sua aprendizagem escolar. Então são considerados sujeitos responsáveis pela sua construção de seu próprio conhecimento. Para Tardif (2002, p.221), “a fim de aprender, os alunos devem tornar-se, de uma maneira ou de outra, os autores de sua própria aprendizagem, pois ninguém pode aprender em lugar deles”. Dessa forma, a seleção destes teve-se como critério, está cursando as referidas turmas.

3.6.2 Professores

Sete (07) professores que lecionam com as turmas selecionadas (1º ao 5º ano), cuja atribuição desse profissional, é promover um ambiente propício para a aprendizagem a partir de situações ricas, desafiadoras e contextualizadas, por meio da oferta de diversos recursos pedagógicos, entre esses, leituras de obras literárias, contribuindo para uma aprendizagem significativa. Nas falas de Libâneo (1998, p.29), é possível captar que o professor “media à relação ativa do aluno com a matéria, e seus conteúdos, considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar”. Dessa forma, esses participantes são fundamentais para responder aos questionamentos dessa pesquisa.

Tabela N.º 4:

Participantes de pesquisa

PARTICIPANTES DA PESQUISA	
Total de alunos observados	120
3.º ano	42
4.º ano	40
5.º ano	28
Professores	07

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Os participantes selecionados forma criteriosamente escolhidos de forma intencional. Em relação a escolha da observação destes alunos se deram por serem os estudantes que já possuem o domínio da leitura e terem maior interesse na prática da leitura. No que diz respeito a escolha dos professores, se deu por serem os que trabalham nessa escola com as turmas do ensino fundamental (anos iniciais).

3.7 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados é ponto fundamental para o sucesso da investigação, pois possibilita uma análise em campo, além de fomentar reflexões sobre a realidade encontrada. Para tal, a escolha da técnica adequada é importante, pois, é por meio dela que serão colhidas as informações que o investigador pretende investigar. A coleta de dados é “considerada o ambiente e as formas de controle das variáveis envolvidas”. Logo, é “o elemento mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados” (Prodanov e Freitas, 2013, p.54). Nessa investigação, utilizou-se como técnica para coleta de dados a entrevista aberta realizada com os professores, e com os alunos será aplicado a técnica de observação participante, ambas técnicas qualitativas. Para Minayo (2002, p.42), “devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo [...] como para a pesquisa suplementar de dados” Com esta delimitação, as informações coletadas foram suficientes para responder aos objetivos geral e específicos da pesquisa.

3.7.1 Observação participante

Contextualizando a observação participante podemos dizer que é uma técnica utilizado para compreender como funciona uma determinada atividade ou tarefa. O pesquisador observa às etapas de um processo, as ferramentas utilizadas, as dificuldades que aparecem, as conversas e resultados do trabalho necessários para a realização da sua pesquisa. Ludke e André (1986), ressaltam que devemos planejar a observação com antecedência, visualizando o que e como será realizada a observação, primeiramente deve delimitar o objeto de estudo, o foco de observação e investigação, para que assim o observador possa ficar atento e registrar todos os comportamentos, informações percebidas do fenômeno. O campo do observador é muito amplo, por isso a necessidade de delimitar o objeto, definir o foco e registrar os dados é essencial na observação. Gil (2002, p.152), diz que a pesquisa participante, “não se encerra com a elaboração de um relatório, mas com um plano de ação que, por sua vez, poderá ensejar nova pesquisa”. Nesse mesmo entendimento, Gerhardt e Silveira (2009, p.75), afirmam que “a técnica de observação participante ocorre pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. O papel do observador nessa pesquisa é o de participante observador, ou seja, o pesquisador deve ter o prévio consentimento por parte da comunidade que será investigada. Esses autores, Kauark, Manhães & Medeiros (2010, p.104). Essa técnica será aplicada aos alunos do 3.º, 4.º e 5.º anos.

3.7.2 A entrevista

A entrevista é recomendada para estudo pelo seu caráter eficaz, na obtenção das informações, conhecimentos ou opiniões que serão coletados. Nas palavras de Campoy (2018, p.348), a entrevista” é uma técnica [...] flexível e dinâmica, que permite recolher uma grande quantidade de informações de uma maneira mais próxima e direta entre o entrevistador e o entrevistado, em que se põe a manifestação das emoções, sentimentos e pensamentos”. Ela auxilia o pesquisador a ajustar roteiros esclarecendo obscuridades. Para Lüdke e André (1986, p.34), “a vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela nos permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Nesse contexto, o pesquisador tem a liberdade de fazer adaptações se assim for necessário, para buscar o resultado que se propôs a

investigar. A entrevista é importante para a investigação, pois de acordo com Perovano (2016, p.223) ela, “investiga-se sobre os fatos vivenciados ou vistos pelas pessoas, as quais relatam o significado deles e definem suas observações, sentimentos e experiências com fala direta ao pesquisador”. Assim, como já relatado antes, a entrevista será aplicada aos professores do 1º ao 5º ano da escola Municipal Cristo Rei.

3.8 Validação dos instrumentos

A validação de um instrumento de pesquisa é uma etapa que deve ser cumprida pelo pesquisador, antes da aplicação dos instrumentos, afim de verificar se as perguntas correspondem aos objetivos da pesquisa. De acordo com Ferro (2018, p.21), a validação dos instrumentos é essencial porque “as análises das variáveis medidas devem apresentar consistência, serem replicáveis e fornecerem resultados muito próximos à primeira avaliação e que estejam livres de erro de mensuração”. Sendo assim as questões que integram o instrumento estão subdivididas considerando os 3 (três) objetivos específicos dessa pesquisa, que foi apreciado por 3 (três) professores doutores da área de Educação. Dois são professores que leciona na Universidade Autônoma de Assunção- UAA. Um é doutor brasileiro da área de Ciências da Educação os quais tiveram a incumbência de avaliar o instrumento. Ao ser analisado e revisado, os doutores, fizeram algumas recomendações, as quais foram realizadas, antes de ser aplicadas.

3.9 Técnicas de análise e interpretação dos dados

A técnica de análise e interpretação de dados consiste em examinar o material coletado, observando se há erros ou alguma dúvida para em seguida expor os significados. Nesse contexto, iniciamos a análise pela tabulação dos dados coletados por meio dos instrumentos utilizados com os participantes da investigação, utilizando o pensamento de Bardin (2011), o qual compreende que esse procedimento se resume em três etapas: pré-análise, tratamento dos dados e exploração do material. Portanto, a finalidade da realização dessa etapa foi essencial porque “é o momento de relacionar os dados coletados com o problema, com os objetivos da pesquisa e com a teoria de sustentação, possibilitando abstrações, conclusões, sugestões e recomendações relevantes para solucionar ou ajudar na solução do problema ou para sugerir a realização de novas pesquisas” (Zanella, 2013, p.68).

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados”. A análise e a interpretação seguiram uma sequência que se interligaram entre si.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo, analisamos os dados coletados por meio dos instrumentos e técnicas recolhidos (após a aplicação da entrevista e da observação participante). A análise dos dados é uma das fases mais importantes da pesquisa, pois, a partir dela, é que foram apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa, conclusão essa que pode ser final ou apenas parcial, deixando margem para pesquisas posteriores (Marconi e Lakatos, 1996). Assim, por meio da coleta de dados, buscou-se analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, [...] (Gerhardt e Silveira, 2009, p.84). Durante a interpretação dos dados, se faz necessário, “voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, é que dará sentido à interpretação” (Câmara, 2013, p.89). Nesse entendimento, apresenta-se a seguir a análise das entrevistas, e em seguida a análise das observações realizadas com as turmas do 3.º, 4.º e 5.º ano à luz dos discursos dos autores que fundamentaram todo o marco teórico desse estudo.

Análise da coleta de dados, utilizou-se a entrevista aplicada aos 07 (sete) professores do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Cristo Rei que serão denominados por: Prof. A; Prof. B; Prof. C; Prof. D; Prof. E; Prof. F; Prof. G.

A importância da literatura infantil na visão do professor

A literatura infantil ocupa um imenso espaço dentro da escola, tornando-se sua dimensão ampla e importante, possibilitando ao professor trabalhar com esse gênero textual, buscando levar os alunos a aprender por meio das aventuras, do cotidiano, dos sentimentos, dentre outros aspectos que a literatura propõe. Para Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar com mais clareza, sentimentos que têm em relação ao

mundo. Por trás das histórias, há uma gama de problemas que podem ser explorados e que contribuem para a reflexão crítica do aluno, ao mesmo tempo, contemplando a sua aprendizagem. Nesta ótica, perguntou-se aos entrevistados:” Qual sua opinião a respeito da literatura infantil”?

Tabela N.º 5: A importância da literatura infantil na visão do professor

Prof. A	<i>Na minha opinião a literatura infantil pode influenciar na formação da criança, que passa a conhecer o mundo em que vive e a compreendê-lo. Através da leitura a criança terá oportunidades de acessar um outro universo.</i>
Prof. B	<i>Penso que a literatura infantil é o melhor caminho para as crianças desenvolverem sua imaginação, seus sentimentos e emoções de forma agradável e significativa. É aqui que se desenvolve o prazer pela leitura.</i>
Prof. C	<i>A literatura infantil é indispensável para o aprendizado, até porque a maioria das crianças antes de chegar nas instituições escolares, já tiveram contado com alguma literatura infantil. A literatura infantil é o mundo encantado de uma criança.</i>
Prof. D	<i>A literatura infantil é fundamental para desenvolver a criatividade, ampliar o vocabulário compreender de forma lúdica os assuntos do dia a dia. Auxilia os alunos a fazer uma produção de texto mais completa.</i>
Prof. E	<i>A leitura infantil contribui para o conhecimento, interação necessária do ato de ler, ajudando a influenciar de maneira positiva no desenvolvimento social, emocional cognitivo de nossas crianças.</i>
Prof. F	<i>A literatura infantil enriquece o aprendizado da criança, além de levá-la a criar seus próprios desejos e imaginação.</i>
Prof. G	<i>A leitura infantil além de tornar-se parte da vida dos pequenos, ainda estimula a criatividade, a empatia, o raciocínio o respeito e a imaginação.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Segundo os professores, a literatura é uma ação que deve fazer parte da vida escolar do aluno desde os primeiros anos de vida, pois ela é aprendizado e conseqüentemente o vocabulário.

O período e o último livro lido pelos professores

Não resta dúvida que a apreensão da leitura pelos alunos é algo fascinante que o levará a ampliar seu vocabulário, interpretar diversos contextos como também o possibilitará a tomar gosto pelo que ler. Tudo isto, vai depender do direcionamento do professor em sala de aula, mostrando-se também que ele é um bom leitor, ou seja, as suas ações devem estar fincadas nas suas experiências leitora. No entanto, Kleiman (2008), faz um alerta, ao mencionar que:

Desde a década de 70, na mídia, na universidade, nas secretarias de educação, não se questiona apenas a capacidade do docente para ensinar a ler, escrever ou analisar um texto, mas a capacidade de ele próprio conseguir fazer isso, ou seja, sua própria competência linguístico-enunciativo discursiva. Não é sua formação o alvo de crítica, mas a sua própria condição de letrado (p.490).

Nesse contexto, o professor que não gosta de ler, torna-se complexo estimular seu aluno a fazê-lo. Nessa perspectiva, perguntou-se: “Qual foi o último livro que você leu e quanto tempo faz”?

Tabela N.º 6: O período e o último livro lido pelos professores

Prof. A	<i>Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, há um mês.</i>
Prof. B	<i>A Ilha Perdida, em julho fiz a releitura deste livro. Pois foi o primeiro livro que li, quando tinha 13 anos, e hoje aos 53 percebo que ele marcou minha vida de modo que nunca pude esquecer-lo.</i>
Prof. C	<i>Tosco, há 5 anos.</i>
Prof. D	<i>“Tem uma história nas cartas de Marisa”, faz umas duas horas.</i>
Prof. E	<i>Nicholas Sparks (O casamento já faz um ano).</i>
Prof. F	<i>“Os Segredos da Mente Milionária”, já faz um bom tempo, há uns 2 anos.</i>

Prof. G	<i>“O menino do pijama listrado”, há mais ou menos 1 ano atrás.</i>
---------	---

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Observamos que a maioria dos professores leram uma obra literária a mais de 6 meses, salvo, o Prof. D, que leu a poucos dias. Para Rojo (2000, p.66)

Os PCNS insistem que a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o próprio professor se apresenta para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita. O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem demonstrado para si. Se o professor tem relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar com medidas para seus alunos.

Nesse viés, passamos para a seguinte pergunta: “Você se considera um(a) bom(a) leitor(a)? Porquê?”

Tabela N.º 7: O professor leitor

Prof. A	<i>Tenho paixão pela leitura, mas não me considero um bom leitor, pois a correria do dia a dia não me dá um tempo de qualidade.</i>
Prof. B	<i>Sim, porque sempre gostei da leitura como forma de aprendizagem e também para viajar na imaginação.</i>
Prof. C	<i>Não reservo tempo, e vejo que isso tem me atrapalhado profissionalmente.</i>
Prof. D	<i>Mais ou menos. Porque poderia ler mais sobre os temas. Amo literatura infantil e acabo lendo somente livros infanto juvenil.</i>
Prof. E	<i>Não. Porque não faço leitura diária e para ser um bom leitor penso que temos que ter hábito de leitura.</i>
Prof. F	<i>Eu não me considero uma boa leitora, porque deveria ler mais, para incentivar meus alunos. Os livros que leio com os alunos são do mundo real de criança e levo em consideração como leitura para meu auto aprendizado.</i>
Prof. G	<i>Não, porque não tenho o hábito de fazer leitura frequentemente.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Nessa tabela, podemos observar que apenas o Prof. B, se considera um bom leitor. É um problema encontrado na maioria dos docentes brasileiros. A falta da leitura na vida dos professores o torna um profissional não crítico e reflexivo de sua própria prática.

A frequência que o professor utiliza a leitura literária na sala de aula

A efetivação de uma prática voltada a inclusão da literatura na sala de aula como uma ação sistemática, parte da concepção que o professor possui sobre esse gênero textual. Nesse viés pode-se dizer que a leitura apesar de ser um processo complexo, ela possui particularidades que segundo Koch e Elias (2006, p.11) “leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo”. Para tal, se faz necessário que o professor de forma cotidiana instigue o aluno a ler, pois, é por meio dessa prática que se começa a ter gosto pelo que se ler. Foi nessa perspectiva que foi feito o seguinte questionamento: “Com que frequência você utiliza a leitura literária na sala de aula”?

Tabela N.º 8: A frequência que o professor utiliza a leitura literária na sala de aula

Prof. A	<i>Todos os dias, através de recontos, textos, poemas.</i>
Prof. B	<i>Utilizo a leitura literária uma vez por semana e faço isso de forma descontraída e prazerosa, de forma que aquele momento é sempre aguardado.</i>
Prof. C	<i>Diariamente. No início de cada aula.</i>
Prof. D	<i>Utilizo a leitura literária uma vez por semana e consolido através do reconto oral, em desenho.</i>
Prof. E	<i>Realizo três vezes por semana.</i>
Prof. F	<i>Uma vez por semana, para não perder o costume e enriquecer na leitura.</i>
Prof. G	<i>Uma vez por semana, para que os alunos não percam o hábito de leitura.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Com essas respostas, ficou claro que apenas o “Prof. A e Prof. C”, realizam a leitura literária todos os dias.

A abordagem utilizada pelo professor para introduzir a leitura na sala de aula

Consideramos que para despertar o interesse pela leitura, o professor deve ter uma metodologia específica, que colabore para o aluno sentir-se estimulado e participe do processo de aprender. Segundo Freire (1995, p.47), “é preciso trazer a leitura para a realidade dos alunos de hoje. É necessário que a escola desenvolva projetos de incentivo à leitura como a biblioteca popular, onde todos os alunos e também professores possam participar fazendo com que esse ato fique mais agradável”. Nessa direção, perguntamos: “Qual abordagem é feita para que o aluno compreenda o papel da literatura em seu dia a dia”?

Tabela N.º 9: A abordagem utilizada pelo professor para introduzir a leitura na sala de aula

Prof. A	<i>Abordo de forma lúdica, envolvendo a todos com o encanto da história apresentada, deixando que o aluno participe e se torne um protagonista, construindo a própria história.</i>
Prof. B	<i>Normalmente ao final da aula, fazemos um reconto e buscamos associar o objeto da leitura ao nosso cotidiano, fazendo com que definam o que é realidade daquele que é ilusão.</i>
Prof. C	<i>Utilizo nas interpretações orais, e na análise de textos lidos.</i>
Prof. D	<i>Sempre relaciono a história lida com situações do dia a dia e coloco eles para pensarem no que fariam se fossem personagens da história lida.</i>
Prof. E	<i>Relaciono a leitura com o mundo lúdico, colocando-os para imaginarem como se fossem os personagens.</i>
Prof. F	<i>Utilizo a leitura diária de um livro literário sem terminar, para que eles fiquem curiosos e o peguem para ler, desta forma consigo despertar o interesse pela leitura e qual grande é sua importância.</i>
Prof. G	<i>Sempre relaciono a história lida com situações do dia a dia e coloco eles para</i>

	<i>pensarem no que fariam se fossem eles, e também procuro usar as formas lúdicas relacionando as imagens com o lido.</i>
--	---

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

De acordo com a tabela n.º 9, os professores utilizam abordagem diferenciadas para mostrar a importância da literatura.

A frequência que os alunos vão à biblioteca

A literatura nas mãos de crianças deve ser explorada tanto pelo professor da sala de aula, e na biblioteca com o auxílio do professor de biblioteca, esta que possui o conhecimento das obras disponíveis que tem em seu espaço de trabalho, além de conhecer aquelas que devem ser ofertadas em cada fase escolar. A biblioteca para Maciel (2010) é um espaço ordenado de pesquisa orientada, mas promove o voo independente para múltiplos saberes.

Ainda a respeito da biblioteca, Campello (2010, p.24):

Uma boa biblioteca possui coleção selecionada em função dos interesses da comunidade a que serve. Não é um amontoado de livros recebidos por doação ou enviados por órgãos governamentais que, embora com a melhor das intenções, não conhecem a fundo as necessidades da escola. Ela deve ser organizada de forma a permitir que o livro ou material certo seja encontrado com facilidade e rapidez.

Nessa perspectiva, é importante que os alunos participem das atividades de leitura na biblioteca escolar. Assim, questionou-se: “Com qual frequência os alunos vão à biblioteca da escola? Esse tempo é suficiente para que eles desenvolvam o hábito de lê”?

Tabela N.º 10: A frequência que os alunos vão à biblioteca

Prof. A	<i>Os alunos vão pouco a biblioteca, porque a escola não possui uma biblioteca,</i>
---------	---

	<i>somente a biblioteca municipal.</i>
Prof. B	<i>Como a escola não possui biblioteca escolar, precisamos marcar horário na biblioteca municipal. Todo professor estabelece o seu tempo e seu horário. Um dia na semana ficamos uma hora dedicada a leitura, mas ainda assim é insuficiente, pois muitos só folheiam os livros.</i>
Prof. C	<i>Como a escola não possui biblioteca, os alunos vão pouquíssimas vezes na biblioteca municipal e isso não é o suficiente para habituarem na leitura.</i>
Prof. D	<i>Não vão, porque a escola não possui biblioteca. Temos um cantinho de leitura na sala de aula.</i>
Prof. E	<i>Como a escola não possui biblioteca, e a biblioteca municipal fica próximo a escola, incentivo os alunos irem, mas não costumo ir com eles. Temos nosso cantinho de leitura, no entanto percebo que o tempo é pouco para se trabalhar a leitura literária.</i>
Prof. F	<i>Os alunos vão poucas vezes a biblioteca uma vez ao mês ou menos, porque só temos a biblioteca municipal, e hoje temos a facilidade da leitura literária através de aplicativos online e até mesmo offline, o tempo é muito corrido e nem sempre é suficiente para alcançarmos a verdadeira leitura.</i>
Prof. G	<i>Vão uma vez durante a semana, porque a biblioteca não é escolar e sim municipal. E percebo que o tempo é suficiente, porque sempre voltam para pegar outros livros para lerem.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

De acordo com os professores, a escola não possui biblioteca, por isso, a oferta de obras literatura fica limitado à sala de aula. Foi observado enquanto alguns professores afirmaram que iam com os alunos a biblioteca, outros disseram apenas que incentivam eles a irem, mas que nessa ida eles não se encontravam presentes. Ainda nesse contexto, perguntou: “Para você o que a escola poderia fazer para o incentivo à leitura?”

Tabela N.º 11: O incentivo da escola à prática da literatura

Prof. A	<i>Melhorar a qualidade literária dos cantinhos de leitura. Montar uma biblioteca escolar e criar um “clube de leituras”, criando prêmio de “Incentivo à leitura”.</i>
---------	--

	<i>Ampliar projetos com personagens vivos da literatura infantil.</i>
Prof. B	<i>A escola deveria montar uma biblioteca escolar para que fosse necessário sair da escola. Além de proporcionar mais momentos dedicados a esse fim, como: leitura no pátio, cantinho da leitura em sala de aula e recontos em grupos.</i>
Prof. C	<i>A escola poderia abrir uma biblioteca escolar, isso facilitaria para o incentivo à leitura.</i>
Prof. D	<i>Ao meu ver a escola teria que montar uma biblioteca e assim poderia incentivar: Competições de leituras; Projetos que partissem da biblioteca; Premiações; Adicionar na grade curricular ao menos 1 a 2 vezes por semana.</i>
Prof. E	<i>Desenvolver competições, projetos pedagógicos utilizando a biblioteca municipal, incentivar concursos com premiações com o objetivo de envolver os alunos a leitura. Além de montar uma biblioteca escolar.</i>
Prof. F	<i>Ao meu ver criar uma biblioteca escolar e assim proporcionar gincanas, onde cada um ler um livro depois descrever sobre o que leu e o melhor ganharia um prêmio.</i>
Prof. G	<i>Premiação para os melhores recontos dos livros lidos. E montar uma biblioteca escolar com um ambiente adequado para leitura.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Na tabela acima, podemos verificar que a maioria dos pesquisados apontam que a escola deveria montar sua própria biblioteca, além de criar outros mecanismos como: competições, projetos e inclusão dessa prática na grade escolar.

O papel da secretaria de educação frente a formação docente

Pensando em melhorar a qualidade do ensino, as secretarias de educação têm ofertado a formação continuada dos professores. Contudo, percebe-se que ainda há pouco interesse do professor em participar desses encontros seja de que tema for, principalmente a questão da literatura. Os discursos são sempre os mesmos e por vários motivos: *“não acrescentam algo a mais na minha prática”, “os encontros são enfadonhos”*; *“o formador não sabe repassar o conteúdo”*, dentre outras. Estes fatos vão ao encontro de Cosson (2007, p.22) quando afirma que:

Caso o professor resolva fugir a esse programa restrito e ensinar leitura literária, ele tende a recusar os textos canônicos por considera-los pouco atraente, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje.

Nessa direção, indagamos o seguinte: “Com que frequência a secretaria de educação oferece formação continuada ao professor alfabetizador para trabalhar com a literatura? Esse tempo é suficiente?”

Tabela N.º 12: O papel da secretaria de educação frente a formação docente

Prof. A	<i>Infelizmente a secretaria não oferece cursos de formação para professores. Geralmente são oferecidos pelo Governo Estadual e ou Federal, e isso ocorre semestralmente, quando há programas.</i>
Prof. B	<i>A secretaria está sempre incentivando os professores a formar bons leitores, mas não tem oferecido formação aos professores e quando oferece os professores tem que custear sua própria formação, e ou o Estado ou MEC garante o curso e muitas vezes o tempo não é suficiente para que o professor garanta habilidades necessárias para trabalhar com literatura.</i>
Prof. C	<i>Anualmente, infelizmente não é suficiente, porque o professor deve estar em constante formação.</i>
Prof. D	<i>Não me lembro nenhuma formação específica oferecida pela secretaria, mas já teve oferecida pelo MEC, (PNAIC) a uns anos atrás. Foi muito bom, durou uns 2 anos, mas a maioria dos professores que fizeram não estão em sala de aula.</i>
Prof. E	<i>O município não ofereceu nenhuma formação nestes últimos anos. Estamos fazendo formação através de cursos oferecidos pelo Estado, pactuado com o município através do ALFAMAIS.</i>
Prof. F	<i>A Secretaria tem feito parcerias com o estado e atualmente as professoras do 1º e 2º ano estão participando de cursos de formação ALFAMAIS, infelizmente não são todos os professores que estão participando da formação. Mas creio que o tempo está sendo suficiente.</i>
Prof. G	<i>Durante esse ano não foi oferecido nenhuma formação continuada pela</i>

	<i>secretaria de educação, mas ofereceram pactuação com o estado e pudemos fazer a formação do ALFAMAIS sendo um momento de aprendizado inesquecível. Sendo o suficiente para agregarmos mais conhecimento para nosso trabalho com a literatura.</i>
--	--

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Como se pode notar, a maioria dos professores pontuaram que a secretaria de educação não tem ofertado a formação necessária para a aquisição pelo professor em trabalhar com a literatura. Enquanto outros disseram que o município por meio da secretaria de educação tem se aliado ao estado para capacitar os professores com o programa ALFAMAIS, que o preparam para alfabetizar os alunos. Nesta ótica solicitado o seguinte aos pesquisados: “Fale do acervo das obras literárias da escola? Tem quantidade suficiente para atender aos estudantes”?

Tabela N.º 13: O acervo literário da escola

Prof. A	<i>O acervo literário da escola é pobre e não supre a necessidade escolar, pois a quantidade oferecida não garante atratividade e nem abastece a todos os alunos.</i>
Prof. B	<i>A escola possui um bom acervo de livros que contemplam a todas as fases do nosso alunado que são divididos por turma para formação do cantinho de leitura.</i>
Prof. C	<i>O acervo literário é pouco, ficando para cada professor criar o cantinho de leitura e se levar em consideração a quantidade de alunos é muito difícil atender a necessidade dos estudantes.</i>
Prof. D	<i>A escola tem muitos livros, inclusive oferecidos pelo curso PNAIC, porém ficam mal guardados. (Amontoados em prateleiras e caixas no almoxarifado). e poucos são usados no cantinho de leitura feito em cada sala. São suficientes para os estudantes.</i>
Prof. E	<i>Possui livros bons, mas a quantidade não é suficiente para todos. Cada professor faz seu cantinho de leitura.</i>

Prof. F	<i>O acervo literário é muito bom, mas não é o suficiente porque só atende a metade dos alunos assim percebo que não atinge todos os alunos.</i>
Prof. G	<i>Temos o suficiente para atender metade dos alunos.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Como podemos perceber, os discursos são bastante contundentes e confirmam que a escola não possui a quantidade suficientes de obras literárias para atender a todos os estudantes da escola. Apenas o Prof. B, afirma que a escola tem quantidade suficiente de obras literárias para todas as turmas da escola. Ainda nesse mesmo viés, perguntamos” A escola realiza algum projeto de incentivo à leitura? Quais”?

Tabela N.º 14: Os projetos que a escola desenvolve para favorecer a leitura

Prof. A	<i>A escola propõe 2 projetos de leitura (Cardápio de leitura e o Palanquinho).</i>
Prof. B	<i>Já trabalhamos alguns projetos, entre eles de premiar o aluno que consegue ler mais livros no mês. Os professores também fazem grupos de leitura e recontos e a equipe da escola auxilia fazendo mutirões de leitura.</i>
Prof. C	<i>Tanto a escola quanto a secretaria têm incentivado com projetos como: Cardápio de leitura. Reconto. Concurso literário.</i>
Prof. D	<i>Sim, até a porteira incentiva e premia alunos, através da leitura e reconto. Além de concursos literários.</i>
Prof. E	<i>No momento não está sendo realizado nenhum projeto de leitura. Já realizou: Palanquinho; Concurso literário.</i>
Prof. F	<i>A escola possui projetos para incentivar a leitura como: Gincana literária, competições literárias entre as salas, Palanquinho</i>
Prof. G	<i>Temos tido vários projetos de incentivo à leitura como: Gincanas com premiações. Concurso literários; Reconto publicitário.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Na análise realizada, foi possível perceber que a maioria dos professores sinalizaram que a escola realizou ou realiza projetos voltados a literatura. Todavia alguns professores

desconhecem essa prática pela escola. Pensando na importância do desenvolvimento de projetos que incentive a leitura, perguntamos: “Quais os maiores desafios que o professor enfrenta em trabalhar a questão da leitura no ambiente escolar”?

Tabela N.º 15: Os desafios encontrados pelo professor para trabalhar com a leitura

Prof. A	<i>O maior desafio é a falta da leitura, pois a maioria das crianças e jovens vem de uma realidade conturbada, onde não existe o hábito da leitura e isso acaba refletindo negativamente, e a leitura fica sendo vista como algo ruim. Além do analfabetismo onde o aluno decodifica letras e forma palavras, impossibilitando de se fazer uma leitura compreensiva.</i>
Prof. B	<i>No ambiente escolar, talvez o maior desafio seja local adequado para esses grupos. Precisamos montar ambientes acolhedores e silenciosos, que propiciassem o sucesso desses leitores. Vamos tentar organizar esses ambientes, mesmo que seja na área externa da escola.</i>
Prof. C	<i>O maior desafio que vejo está no tempo que é insuficiente, e na falta de leitura letrando, pois temos muitos alunos que não leem com a compreensão devida, e como também não tenho hábito de ler, quando percebo a semana passou não fizemos nenhuma leitura.</i>
Prof. D	<i>A dificuldade de leitura e compreensão dos alunos e a falta de ambiente no momento de leitura.</i>
Prof. E	<i>A falta de recursos, falta de apoio, estrutura e falta de projetos.</i>
Prof. F	<i>A falta de leitura com letramento e as vezes com alunos que vem de outra escola com má formação de aprendizado.</i>
Prof. G	<i>A falta de estrutura familiar, além de recebermos alunos sem a garantia do aprendizado necessário para o ano em estudo.</i>

Nessas respostas, fica nítido que há divergências entre as respostas, pois, enquanto na tabela anterior os professores pontuarem que a escola desenvolve ou desenvolveu projetos, aqui percebemos que eles atribuem também as suas dificuldades, a questão da falta de projetos, e a dificuldades nos alunos na apreensão da leitura e ainda pontuam a responsabilidade da família nesse processo e o espaço adequado para o desenvolvimento da leitura.

Ainda pensando na importância da leitura no ambiente escolar, indagamos: “Na sua opinião, seus alunos gostam de ler obras literárias? Que tipo?”

Tabela N.º 16: O gosto dos alunos por obras literárias

Prof. A	<i>Sim, todas as crianças gostam de literatura ainda que não ler verbalmente, conseguem fazer leitura visual das imagens. E gostam dos livros. Os que conseguem ler com precisão, demonstram ainda mais interesse. Os livros mais cotados são: - Contos de Fadas - Histórias de Terror – Piadas.</i>
Prof. B	<i>A maioria sim. Nosso alunado ainda está na fase do “Foram felizes para sempre”, esperando sempre um final feliz, sendo assim o melhor atrativo ainda são os infantis.</i>
Prof. C	<i>O encanto dos livros literários, chamam atenção dos alunos, ainda que não consigam ler corretamente. Os livros que mais aguçam a curiosidade dos meus alunos são os contos de fadas.</i>
Prof. D	<i>Alguns alunos sim, principalmente os que conseguem ler com compreensão. Os livros mais lidos são: Fantasia, conto de fadas, Histórias em Quadrinhos.</i>
Prof. E	<i>Sim, histórias em quadrinhos e contos de fadas.</i>
Prof. F	<i>Sim, mesmo os que não são alfabetizados, adoram o momento de leitura literária nem que seja a leitura visual. Gostam de histórias em quadrinhos, Contos de fadas e Fábulas</i>
Prof. G	<i>Sim, mesmo os que não possuem a leitura verbal, gostam de foliar os livros, sentir o cheiro e se vislumbram com as imagens, e isso é muito gratificante. Os livros que mais gostam são: Histórias em Quadrinhos, Fábulas, e Contos de Fadas.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Na tabela 16, percebemos que todos os professores pontuaram que mesmo sem o aluno saber, gostam do momento da leitura, prevalecendo como a que gostam mais: o conto de fadas. No entanto, a maioria dos professores não conseguiram diferenciar obras literárias de outros gêneros textuais.

O(s) método(s) de alfabetização, utilizados pelo professor

Existem vários métodos que podem ser utilizados pelo professor, para alfabetizar seus alunos. Alguns autores afirmam que não há um método específico que o professor deve usar, mas aquele em que leve o aluno a ser letrado. De acordo com Galvão e Leal (2005), “o método de alfabetização compreende o caminho (entendido como direção e significado) e um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitam o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita” (p.17). Diante dessa concepção perguntamos: “Que métodos de alfabetização você trabalha com mais frequência? Sintéticos ou analíticos? Fale um pouco da importância deles no processo de alfabetização. Qual deles apresenta mais resultados”?

Tabela 17: Os métodos de alfabetização utilizados pelo professor

Prof. A	<i>Utilizo os dois métodos, pois na minha concepção os dois métodos se apoiam, e se faz necessário para o desenvolvimento dos alunos, como professora gosto do método analítico, onde apresento frases e palavras partindo assim para demonstração das letras e sílabas foneticamente, mas costumo diagnosticar o apreender de cada aluno até porque depende da realidade e estratégias do momento.</i>
Prof. B	<i>Nossa escola trabalha com método sintético, pois iniciamos de forma simples, conhecendo as letras e depois formando sílabas, até chegar as palavras.</i>
Prof. C	<i>Todos os métodos são validos se tratando de alfabetização, mas o que mais utilizo é o método sintético pois os alunos vêm de casa sabendo algumas letras e sílabas e ou vem da educação infantil já com alguns conhecimentos silábicos. Sendo assim compreendem melhor os signos linguísticos.</i>

Prof. D	<i>O método sintético. Acredito que a criança aprende melhor se começar pelo mais simples, primeiro as letras, depois as sílabas.</i>
Prof. E	<i>Sintéticos, pois começar a partir das letras facilita para aprender a construir palavras e frases.</i>
Prof. F	<i>Sintéticos, pois a mesma apresenta resultados satisfatórios nos desenvolvimentos dos meus alunos, além de ser um elo para a escrita tanto de palavras quanto para formação de frases, demonstrando melhor resultado.</i>
Prof. G	<i>Inicialmente utilizo o sintético, mas quando percebo que os alunos já conseguem identificar as sílabas foneticamente, formando palavras, inicio um trabalho com frases através de pequenos textos sendo este o método analítico. Mas percebo que um condiciona ao outro assim ao meu entendimento o sintético possui um melhor resultado.</i>

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Nas respostas dadas, ficou claro que a maioria dos professores utilizam o método sintético, no entanto não pontuaram se ele apresenta ou não resultados positivos na aprendizagem escolar.

Resumindo

Na construção desta análise, buscamos apresentar os dados colhidos através da entrevista. Assim, ficou nítido que os professores compreendem a importância que a literatura infantil tem no cotidiano dos alunos, bem como sua contribuição para a formação da criança, oportunizando-a desenvolverem a imaginação. Nesse sentido, o professor também precisa ser um leitor assíduo, estimulando o aluno a gostar de ler. No entanto, verificou-se que a maioria dos professores não costumam ler frequentemente, sendo mais um entrave que pode contribuir para a não utilização dessa prática na sala de aula. Quanto a abordagem do professor para que o aluno compreenda o papel da literatura no seu dia a dia, foi constatado que cada professor utiliza abordagens diferenciadas, no entanto.

Ainda nesse campo por busca de informações que pudessem responder as inquietações desse estudo, foi percebido que os professores anseiam por uma biblioteca no

espaço escolar, ou se não possível, a escola organizar um cantinho de leitura como uma forma de incentivar os alunos a lerem e dessa forma se aproximar-se dos livros.

Em relação ao papel a da secretaria de educação quanto ao incentivo à formação docente, verificou-se que ela só tem ofertado essa ação, em parceria com o Estado de Goiás, o que colabora ainda mais para que o professor deixe de buscar o conhecimento maior acerca da literatura.

Também ficou claro que a escola não possui obras literárias suficiente para a quantidade de alunos que ela possui.

No que diz respeito aos projetos desenvolvidos pela escola, ficou a impressão de que a escola não desenvolve projetos voltados a literatura, apesar de ser citados pelos professores, essa afirmação vai ao encontro de que esses, afirmaram que a escola poderia criar projetos que estimulasse a leitura. A análise também pontuou que as crianças gostam mais de ler obras voltadas especialmente ao” contos de fadas”.

Nesse contexto ao finalizarmos esta etapa de pesquisa buscou-se, extrair o fenômeno valendo-se de técnicas escolhidas previamente, tais como: observação participante e a entrevista.

Análise das observações

O foco da pesquisa, voltou-se para os objetivos explicitados como ponto de partida na qual a pesquisadora manteve o rigor científico e metodológico na garantia dos resultados. Segundo Minayo (2007), a observação participante é um processo pelo qual a pesquisadora observa e interage com seus interlocutores. A observação participante pôs a pesquisadora em contato com o fenômeno pesquisado, anotando e descrevendo as ocorrências, com todos os sujeitos informantes. Diante das descrições acima, Lapassade (2005), afirma que a observação participante é uma técnica fundamental para a investigação, pois trata-se de uma pesquisa caracterizada por um período de interações sociais intensas entre o pesquisador e os sujeitos. No decurso desse período, dados são sistematicamente coletados, no que “os

observadores mergulham pessoalmente na vida das pessoas, eles compartilham experiências” (Lapassade, 2005, p.69). Nesse contexto, foi observado os seguintes aspectos:

Observando as aulas

De posse dos instrumentos da observação, a recolha dos dados foi capturada as seguintes informações:

Tabela 18: Aspectos observados nos alunos na sala de aula, a partir da prática pedagógica do professor

O professor utiliza algum método na hora da leitura.	A maioria dos professores utilizam o reconto, cardápio de leitura, como método na hora da leitura.
O professor questiona estudantes sobre o que eles leram.	Ficou evidente que alguns professores tentam instigar os alunos a demonstrarem o que entenderam do que foi lido.
Os estudantes mostram-se motivados na hora da leitura.	Percebemos que os alunos que já dominam a leitura são mais motivados para a ler, ou seja, tomam a iniciativa, enquanto os que ainda não conseguem ler com compreensão dizem que não gostam de ler.
O professor estabelece uma rotina para trabalhar com literatura.	Alguns professores possuem o cantinho da literatura, (uma bolsa móvel com obras literárias), onde cada aluno escolhe o livro para ler.
O professor incentiva o estudante a pesquisar livros sobre literatura.	Alguns professores, principalmente dos anos finais (4º e 5º ano).

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Tabela 19: Aspectos observados nos alunos a partir da leitura literária

Os estudantes compreendem o que estão lendo.	Em sua maioria, apenas os alunos que dominam a leitura compreendem com precisão o que leem.
--	---

Os estudantes são participativos na hora da leitura.	Alguns alunos participam, no entanto, as turmas observadas em sua maioria ainda possuem alunos sem serem alfabetizados.
Os estudantes reconhecem a importância do hábito de ler.	Foi observado a tristeza no olhar dos alunos que ainda não dominavam a leitura, sentindo-se inferiores aos demais. Os que liam demonstraram a importância de ler, sentindo-se empolgados.
Os estudantes mostram-se interessados para irem à biblioteca.	A escola não possui biblioteca, e nem iam visitar a biblioteca municipal.
Os alunos questionam o professor quando não entendem a mensagem da leitura.	Alguns alunos mesmo sabendo ler, perguntavam ao professor alguns aspectos relacionados a leitura, os que não sabiam ler não, ficavam calados.

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Tabela 20: Aspectos observados nos planejamentos pedagógicos dos professores

O professor planeja suas aulas tendo o recurso da literatura como um dos principais instrumento para desenvolver o hábito da leitura.	O planejamento dos professores é feito quinzenalmente, e em alguns destes a literatura é pouco incluída como um recurso pedagógico.
O professor coloca em prática o que foi planejado para cada dia de aula.	Foi percebido que a maioria dos professores seguem seu planejado, enquanto outros não.
O professor tem como uma das metas, a escolha de obras literárias para aplicar na sala de aula e as aplicam.	Nas turmas do 3.º ano o professor tem a literatura como fonte de aprendizagem e aplicam constantemente, no entanto foi percebido que nas turmas 4º e 5º ano são menos frequente o uso da literatura.

Fonte: Elaborada pela própria pesquisadora

Nesse processo de observação participante, foi possível entender com maior riqueza de detalhes a cultura da turma, segundo a ótica dos que ali já se encontravam inseridos. Para tanto, observou-se o que os atores do referido contexto, em grande maioria apresentavam dificuldades de leitura e conseqüentemente da escrita, e que a literatura não foi utilizada como uma forma de alfabetizar.

CONCLUSÕES

Os capítulos tratados nesse estudo buscaram em conjunto, relatar as conclusões a respeito da temática: “A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor”. Considerando a multiplicidade de possibilidades de abordagem sobre a temática selecionada, a pesquisa foi direcionada com a finalidade de analisar a importância da aplicabilidade da literatura na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás.

Assim, respondendo ao primeiro objetivo:

Conhecer quais as formações são disponibilizadas para os professores alfabetizadores na área da literatura.

O incentivo à leitura, deve fazer parte da vida de todo ser humano. É por meio dela que o homem se comunica interagindo com o mundo e com todos que com quem convive. Nesse contexto, a literatura passa a ter um papel relevante na formação de sujeitos, porque esse tipo de gênero textual, possibilita a quem ler, compreender os paradigmas que rodeiam a sociedade, opinando, refletindo apontando caminhos que possam mudar determinada realidade.

Foi detectado, que a escola e a secretaria de educação, não tem ofertado a formação dos professores no que diz respeito a prática da oferta da literatura infantil, e que ambas Instituição, ainda não se articularam para alocar recursos, que possam construir dentro da escola pesquisada, uma biblioteca, para que os alunos tenham acesso as obras literárias, não precisando se deslocar da escola para outro lugar, na busca do conhecimento literário.

No que diz respeito ao segundo objetivo:

Verificar se as metodologias utilizadas pelos professores atendem as perspectivas de uma aprendizagem pautada na literatura.

É comum percebermos que uma parcela dos professores da escola pública ainda segue uma pedagógica centrada nos conteúdos, sem estimular os alunos a buscarem novos conhecimentos através da leitura, fato que tem culminado numa ação neutra.

Consideramos que os professores mesmo de forma precária, tem utilizado a prática da literatura, contudo, é muito pouco provável que essa prática colabore para uma ação que estimule o aluno a ler frequentemente, pela ausência da variedade de livros, uma vez que, na sala de aula, o espaço é pequeno e não colabora para abarcar um maior número de livros.

Respondendo ao terceiro objetivo:

Identificar como os alunos reagem à didática aplicada através da literatura.

A pesquisa aponta que no processo de apreensão da leitura e escrita, o professor necessita utilizar o método que se adeque a aprendizagem de cada um, por meio de uma abordagem que venha contemplar o saber fazer na perspectiva do letramento. Assim é possível perceber que didática do professor sinaliza para uma ação que não possibilita o trabalho pautado nos gêneros literários, tendo em vista que, a própria escola não tem estimulado a fomentação desta prática.

Em relação ao quarto objetivo:

Analisar de que forma a literatura contribui com a aprendizagem dos alunos.

Na escola *locus* da pesquisa, pudemos observar que o estímulo a leitura ainda tem sido muito pouco, devido a vários fatores tais como: a própria estrutura escolar, que não tem disponibilizado espaço para o acesso a biblioteca, a falta do hábito do professor em ser um leitor assíduo e ao analfabetismo que se encontra presente em todas as turmas pesquisadas. Nesse contexto, torna-se complexo o professor desenvolver no aluno o interesse e o hábito pela leitura como um processo constante. Quando a criança tem o hábito de ler, ela consegue

se relacionar melhor com o mundo, elaborando e reelaborando conceitos, participando de projetos, sendo autor da sua construção intelectual de sua história de vida. O conhecimento de mundo, também auxilia na leitura, bem como na escolha do estilo literário

Em relação aos projetos que a escola realiza, a pesquisa aponta contradições, especificamente por que os professores anseiam que a escola os realize, mostrando-nos que o discurso se distancia da prática, ficando o culto nas entrelinhas de suas falas a ausência da concretização dos vários projetos elencados.

Nessa trajetória, entendemos a educação como fenômeno social, e por isso, ousamos pensar em uma prática significativa, em que os sujeitos aprendentes pudessem experimentar por meio de uma proposta inovadora, um novo momento de aprendizagem, no qual a escola possa facilitar o acesso a um espaço adequado no qual a leitura possa ser compartilhada por todas as turmas da instituição pesquisada. Nesse contexto, utilizar a literatura como uma forma de alfabetizar os alunos, tornou-se imprescindível para compreender os aspectos referentes à área educacional e, dessa forma, contribuir para a percepção da realidade por meio de representações e significações que os sujeitos sociais atribuem, quando envolvidos em ações pedagógicas no contexto escolar.

Diante dos resultados apresentados e discutidos nessa investigação, é possível inferir, portanto, que estudar a aplicabilidade da literatura na aprendizagem escolar nos permite utilizar uma lente de aumento, que pode nos aproximar ou afastar do terreno impregnado de elementos possíveis de romper com um paradigma tradicional, rumo a uma prática pedagógica inovadora.

Nesse sentido, podemos concluir que as práticas pedagógicas estabelecidas entre o professor e os alunos foram baseadas no método tradicional e ora mesclado o com sintético, no entanto, os resultados obtidos ainda não apontaram para um ensino que favorecessem um melhor aprendizado.

Foi possível perceber que os alunos em sua maioria ainda não compreendiam o sentido da literatura em sua vida, bem como suas características peculiares.

Concluímos, após a coleta de dados e a análise dos resultados, a escola precisa se reorganizar, e estimular tanto o aluno como o professor a buscarem a leitura de forma sistêmica dentro e fora do ambiente escolar.

RECOMENDAÇÕES

As recomendações retratadas nessa dissertação estão indicadas, para a Secretaria de Educação do município de Campestre, a escola e aos professores.

Frente ao desfecho observado e analisado nessa pesquisa é relevante citar algumas propostas no sentido de colaborar, com a efetivação do uso da literatura como um recurso que pode alfabetizar letrando.

Para a Secretaria de Educação

✓ Ofertar momentos de formação continuada aos professores tendo como tema, o uso da literatura no ensino fundamental nos anos iniciais.

Para a escola

✓ Ofertar a formação em *locus* para todos os professores, para aprimorar os conhecimentos prévios;

✓ Articular com a Secretaria de Educação, a construção de uma biblioteca escolar, afim de promover a leitura para os alunos;

Para o professor

✓ Buscar a formação continua, pois no mundo atual, o profissional que não se aperfeiçoa terá maiores chances de serem esquecidos no mercado de trabalho;

✓ Refletir sobre a importância da literatura na vida de seus alunos;

- ✓ Incentivar a escola a se articular com a Secretaria de Educação, para a aquisição de obras literárias;

Para as futuras investigações

Nenhuma pesquisa por mais abrangente que se proponha, é capaz de esgotar e trazer todas as respostas para determinado problema e propor soluções. Nesse sentido, novas pesquisas surgirão como fruto dessa incursão pelas teorias a respeito da literatura. Desse modo, recomenda-se que outras pesquisas sejam realizadas, com o intuito de analisar a produção e interpretação de obras literárias pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (1997). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. Scipione.
- Almeida, M.E.B. (2005). Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. *In*: K. Schlünzen Junior (Org.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. DP&A.
- Alvarenga, E.M.de.; (2019). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa*. Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos. Marben.
- Alves, D.F.L.; e Leite, M.J.L.; (2018). As Dificuldades dos Alunos do Ensino Médio na Aprendizagem da Língua Portuguesa: Um Estudo de Caso na Escola Estadual São João Batista – Araripina – Pernambuco, Brasil. *Id on Line Rev. Mult. Psic.* V.12, N. 41, p.991-1000. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em 20 de nov. 2021.
- Arana, A.R. de A.; e Klebis, A.B.S.O. (2015). *A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno*. XII Congresso Nacional de Educação. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf. Acesso em 09 de maio de 2022.
- Avelar, I. (1999). João Gilberto Noll e o fim da viagem. *Travessa, Revista de literatura* n.39. Florianópolis, jul-dez, pp.167-192.
- Barbosa, J.J. (1990). *Alfabetização e leitura*. Cortez.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70. Tradução de: L'Analyse de Contenu.
- Betti, M.; e Zuliani, L.R. (2002). Educação Física Escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*.

Braga, A.C. (2014). *O desafio da superação do analfabetismo no Brasil: uma análise do Programa Brasil Alfabetizado no município de Araraquara/SP*. Dissertação de mestrado. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123913/000830529.pdf?sequence>.

Acesso em: 05 de maio de 2022.

Braga, M. (2021). *Você conhece as principais abordagens teóricas da educação?*

Disponível em: <https://profseducacao.com.br/artigos/voce-conhece-as-principais-abordagens-teoricas-da-educacao/> Acesso em 20 de agosto de 2022.

Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro. Brasília.

Brasil (1997). Ministério da educação. Secretaria da educação fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. 3 ed. Brasília.

Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF. 436 p.

Brasil. (2007). *Decreto Nº 6.094 de 24 de abril. Dispõe sobre a implementação do plano de metas compromisso todos pela educação, pela união federal, em regime de colaboração com municípios, distrito federal e estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica*. Brasília.

Brasil. (2008). Ministério da Educação. *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva*. –Brasília: Ministério da Educação. 130 p.; il. color.; 24 cm

- Brasil. (2015). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base*. – Brasília, DF: Inep, p.404
- Brasil (2015). Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa*. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização, Caderno de apresentação/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB.
- Bregunci, M. das. G. de.C. (2022). *Psicogênese da aquisição da escrita*. Glossário e Ceale. Termos de Alfabetização, leitura e escrita. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/psicogenese-da-aquisicao-da-escrita>. Acesso em: 21 de set.2022.
- Câmara, R.H. (2013). *Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações*. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez,179-191.Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em 23 de set.de 2022.
- Campello, B. (2010). O bibliotecário e a pesquisa escolar. *Presença Pedagógica, Belo Horizonte*, v. 16, n. 93, p.24-29.
- Campoy, T.J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica. Manual para elaboración de Tesis y trabajos de Investigación*. Marben.
- Carvalho, M. (2005). *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática*. Vozes.
- Carvalho, M. (2010). *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 7. ed. Vozes.
- Casasanta, L.M. (2005). *Métodos de ensino e leitura*. Didática da Linguagem. Editora do Brasil S.A.

- Castanho, M.E.L.M.A. (2000). A criatividade na sala universitária. In: I.P.A. Veiga e M.E.L.M. Castanho, (Orgs.). *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Papirus, p.75–90.
- Cervo, A.L.; e Bervian, P.A. (1983). *Metodologia Científica: para uso de estudantes universitários*. McGraw-Hill.
- Coelho, N.N. (1994). *Literatura e linguagem*. Vozes.
- Coelho, N.N. (2000). *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. Moderna.
- Cosson, R. (2007). *Letramento Literário: teoria e prática*. 1ª Edição. Contexto.
- Cruz, M.L.R.M. da.; (2014). *Estratégias pedagógicas para alunos com dificuldades de aprendizagem*. I Seminário Internacional de Inclusão Escolar: Práticas em dialogo. RJ. CAp – UERJ.
- Dos Anjos, D.P.; e Cusati, I.C. (2020). *Protagonismo juvenil na escola: interrogando a participação dos estudantes*. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook1/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID6772_10092020092841.pdf. Acesso em 06 de maio de 2022.
- Ferreiro, E.; e Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da Língua Escrita*. Trad. Diana Myrian Myaad Lauhtmdstmad et al. Artes Médicas.
- Ferreiro, E. (1999). *Com Todas as Letras*. Vol. 2, pag. 102. Cortez.
- Ferro, I, dos, S. (2018). *Elaboração e validação de questionário para análise do uso de serviços de saúde da atenção básica e relação com fatores de risco à saúde*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153151/ferro_is_me_prud.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 21 de agosto de 2022.

- Fígaro, P. (2010). Comunicação/educação: campo de resignificação das tecnologias de comunicação. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA/ECA/USP, ano XV, n. 3, pp.7-15, set./dez
- Fontes, F.C. de O.; e Benevides, A.S. (2022). *Alfabetização de crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento*. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped2013/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_101_cc5184d6d9e54ff6989cf11c146e12db.pdf. Acesso em 21 de junho de 2022.
- Frade, I.C.A. da. S. (2005). *Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. Paz e Terra
- Freire, P. 1989. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Autores Associados: Cortez, (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4). São Paulo.
- Freire, P. (1995). *À Sombra desta Mangueira*. 2ª ed. São Paulo: Olho d'água.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Minha primeira professora*. Rio de Janeiro, J.B. p.3.
- Freitas, M.D. dos. S.; e França, M.L.C. (2021). *O protagonismo juvenil em tempos de pandemia: Um estudo de caso numa escola estadual de ensino médio integral de Sergipe*. *Revista Científica do UniRios*. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2021/29/o_protagonismo_juvenil_em_tempos_de_pandemia.pdf. Acesso em 14 de maio de 2022.
- Galvão, A.; e Leal, T. F. (2005). Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In A.G. Moraes; E.B.C. Albuquerque, e T.F. Leal (orgs).

Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Autêntica, p.11-28.

Gatti, B.A. (2003). *Formação continuada de professores: a questão psicossocial.* *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 119, jul.

Geraldi, J.W. (org.). (1985). *O texto na sala de aula.* 4. ed. Assoeste.

Gerhardt, T.E.; e Silveira, T.D. (2009). *Métodos de pesquisa.* Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Editora da UFRGS.

Gil, A.C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. Atlas,

Gomes, C.L. (org.). (2004). *Dicionário Crítico do Lazer.* Autêntica.

González, J.A.T.; Fernández, A.H.; & Camargo, C.B. (2014). *Aspectos fundamentais da pesquisa científica.* Editora Marben Assunción.

Justo, M.A.P.; da S. Rubio J. de A.S. (2013). Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. *Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1.*

Kauark, F.S.; Manhães, F.C.M.; & Medeiros, C.H. (2010). *Metodologia da pesquisa: um guia prático.* Itabuna/BA. Ed. Via Litterarum.

Kleiman, A.B. (2008). Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 3, p.487-517, set./dez.

Koch, I.V.; e Elias, V.M. (2006). *Ler e Compreender: os sentidos do texto.* Contexto.

Lakatos, E.M.; e Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica.* 5ª ed. São Atlas.

Lajolo, M.; e Zilberman, R. (1984). *Literatura infantil brasileira: história & histórias.* São Ática.

- Lapassade, G. (2005). *As microssociologias*. Série Pesquisa em Educação. Líber Livro Editora.
- Libâneo, J.C. (1998). *Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente*. Cortez.
- Lima, L.D.; Barbosa, Z.C.L.; e Peixoto, S.P.L. (2018). Teoria Humanista: Carl Rogers e a educação. *Caderno De Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Alagoas*, v. 4, n. 3, p. 161-172.
- Lüdke, M.; e André, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU.
- Maciel, F.I.P. (2010). Educação, leitura e literatura: diálogos possíveis. In: *Coleção Explorando o Ensino*; v. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Marconi, M.A; e Lakatos, E.M. (1996). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3.ed. Atlas.
- Martins, L. M. P. (2012). O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. In: A. Arce, e L.M. Martins, (Orgs.). *Ensinando aos pequenos de zero a três anos* (p.93-121). Campinas – SP: Alínea,
- Melo, B.O.R. de.; e Fontinele S.R. (2017). Argumentação e produção de texto: desafios e possibilidades no Ensino Médio. *Calidoscópio* Vol. 15, n. 3, p.477-489, set/dez 2017 Unisinos - DOI: 10.4013/cld.2017.153.07. Acesso em 30 de maio de 2019.
- Mendonça. O. S. (2009). *Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire*. 3 ed. Cortez.
- Minayo, M.C. (2002). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Minayo, M. C. de S.; (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19. ed. Vozes.

- Minayo, M.C. de S.; Deslandes, S.F.; e Gomes, R. (2018). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 1ª reimpressão. Vozes
- Mizukami, M. das G.N. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- Morais, A.G. (2005). Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In A.G. Moraes; B.C. Albuquerque; e T.F. Leal. *Alfabetização: apropriação do Sistema de Escrita Alfabética*. Editora Autêntica.
- Moreira, M.A. (2011). *Teorias de Aprendizagem: cognitivismo, humanismo, comportamentalismo*. 2 ed. EPU.
- Morin, E. (2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez.
- Mortatti, M. do R.L. (2000). *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo/ 1876-1994). Editora UNESP, – (Encyclopaedia).
- Mortatti, M. do R L. (2006). *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. Brasília: Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em 10 de maio de 2022.
- Mortatti, M. do R.L. (2008). “Aquarela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos países de língua portuguesa*. São Paulo. Ano 3. n. 5. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>. Acesso em: 13 maio de 2022.
- Paiva, V.P. (1987). *Educação Popular e Educação de Adultos*. 5. ed. Loyola y Ibrades.
- Paro, V.H. (2017). *Qualidade do ensino: A contribuição dos pais*. 3. ed. Xamã.
- Perovano, D.G. (2016). *Manual de metodologia da pesquisa científica*. InterSaberes.
- Pessoa, F. (1972). *Obra poética*. Companhia José Aguilar.

- Pinheiro, O.G. (2000). Entrevista: uma prática discursiva. In: M.J. Spink, (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp.34-67). Cortez.
- Prodanov, C.C., e Freitas, E.C. de (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª. ed. Feevale.
- Rajo, R. (2000). *A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCNs*. Mercado de Letras.
- Salina, T. (2015). *As contribuições do método fônico nos anos iniciais de alfabetização*. Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista.
- Sampieri, H.R; Collado, C.F; e Lucio P.B (2006). *Metodología de la Investigación*. MacGraw Hill,
- Sandroni, L.C; e Machado, L.R. (1998). *A Criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura*. Ática.
- Santos, A.H.S. dos. (2005). *O desafio de ser um professor-leitor*. A notícia, Florianópolis, p. 4, 05 fev.
- Santos, C. de. M.R. dos. et al. (2019). *As dificuldades de leitura e escrita de alunos do 6º ao 9º ano da Escola Rural Governador Geraldo Bulhões em Girau do Ponciano*. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/5001/1593>. Acesso em 30 de maio de 2019.
- Saviani, D. (2005). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Autores Associados.
- Saviani, D. (2011). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Autores Associados.

- Sebra, A.G.; e Dias, N.M. (2011). Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. *Revista Psicopedagogia*, v. 28, n. 87, p.306-320. Disponível em: <https://tinyurl.com/y44bsu7y>. Acesso: 30.de set. de 2022.
- Silva, M. de. M.; e Miranda, J. dos, R. (2020). *Avaliando o desenvolvimento da escrita da criança por meio da psicogênese*. CONEDU. VII Congresso Nacional de Educação. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID3952_08072020112310.pdf. Acesso em 30 de set. de 2022.
- Soares, M. (2000). *Letramento: um tema em três gêneros*. Autêntica.
- Soares, M. (2004). *Alfabetização e letramento*. 2 ed. Contexto.
- Soares, M. (2009). *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Autêntica.
- Soares, M. (2017). *Alfabetização e Letramento*. 7ª. ed. Contexto.
- Soares, M. (2018). Novas perspectivas para o processo de alfabetização: reflexões a partir das contribuições recentes de Magda Soares e do Projeto Alfalettrar. *Práxis Educativa, Ponta Grossa*, v. 13, n. 3, p.894-927, set./dez. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.13i3.0015>.
- Soares, M. (2020). *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Contexto.
- Solé, I. (1998). *Estratégias de Leitura*. 6ª ed. Artmed.
- Souza, A.M.A.C; e Castro, R.F. de. (2019). Alfabetização: uma revisão dos métodos e a perspectiva histórico – Cultural. *Revista Práxis Pedagógica*. Vol. 2, Nº3, set/dez Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/276529576.pdf> . Acesso em 23 de maio de 2022.
- Souza, A.C.; e Garcia, W.A, da C. (2012). *A produção de sentidos e o leitor: os caminhos da memória*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

- Souza, R.J.; e Santos, C.C.S. dos. (2004). A leitura da literatura infantil na escola. In Souza, R. J. de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL. p.80-90.
- Szymanski, H. (2019). *A relação escola/família: desafios e perspectivas*. Plano Editora.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Vozes.
- Triviños, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.
- Veiga, I.P.A. (2002). Projeto político- pedagógico da escola: uma construção possível. 14^a ed. Editora Papirus.
- Vera, A. (1983). *Metodologia da pesquisa científica*. Globo.
- Vieira, Z.P.P. (2017). *Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita*. 196 f. Tese (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.
- Viera, D.G. (2016). *Leitura Dramática no Ensino de Literatura: [manuscrito]: arte e ousadia em sala de aula / Divino Gomes Vieira*. viii, 101 f.: il.
- Villaça, N. (2006). A comunicação e literatura contemporânea; espaços reais e virtuais. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/02NIZIA.pdf. Acesso em 19 de maio de 2011.
- Vygotsky, L.S.; Luria, A.R.; e Leontiev, A.N. (1998). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Ícone.
- Vygotsky, L. S. (2007). *Pensamento e linguagem*. Relógio de Água.
- Zanella, L.C.H. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC.

Winter, E.M. (2017). *Didática e os caminhos da docência*. Inter Saberes.

A importância da aplicabilidade da literária...98

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA
COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Zélia Maria de Souza Silva

Orientador: Prof. Dr. Daniel González González

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____

Assunto: Coleta de dados para tese de mestrado

Senhor (a), Gestor (a),

A Universidade Autônoma de Assunção/Paraguai encontra-se em processo de realização do curso de Mestrado em Ciências da Educação. No momento, a instituição está iniciando a fase de construção das dissertações que representam requisito parcial e fundamental para a conclusão do curso. Para que a realização da minha dissertação tenha êxito, necessito realizar um estudo empírico sobre a importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar e para tal precisarei utilizar como estratégias metodológicas, a observação participante das práticas docentes nas turmas dos 5.º anos e aplicação de entrevistas para os professores da sala regular das turmas do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental. A realização desse trabalho tem como objetivo geral, analisar a importância da aplicabilidade literária na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás, com a finalidade de realizar propostas que possam colaborar para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem na referida escola, tendo como foco a literatura.

Essa pesquisa será realizada pela professora/cursista Zélia Maria de Souza Silva, sob orientação do Prof. Dr. Daniel González González, cujo tema é:” **A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor**”. Nesse sentido, solicito sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa nessa Unidade escolar. Afirmamos que os aspectos de ordem ética, serão respeitados

garantindo-se o sigilo das respostas advindas das entrevistas e da observação participante e de todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone (+55) 62- 992974195 ou pelo e-mail: z-elia@hotmail.com

Atenciosamente,

Zélia Maria de Souza Silva

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA
COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Zélia Maria de Souza Silva

Orientador: Prof. Dr. Daniel González González

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a) Professor (a) _____,
estamos convidando você a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada: “*A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor*”, que é o projeto de Mestrado em Ciências da Educação.

Essa pesquisa se torna pertinente tendo em vista que poderá contribuir para a escola e para a formação social do sujeito leitor no contexto dos anos iniciais.

Dessa forma, o objetivo geral é: Analisar a importância da aplicabilidade literária na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás e os específicos: Conhecer quais as formações são disponibilizadas para os professores alfabetizadores na área da literatura; Verificar se as metodologias utilizadas pelos professores atendem as perspectivas de uma aprendizagem pautada na literatura; Identificar como os alunos reagem a didática aplicada através da literatura; Analisar de que forma a literatura contribui com a aprendizagem dos alunos.

Quanto aos benefícios que esta pesquisa trará, está na troca de experiências entre os professores com o intuito de tornar o estudante dessa escola, sujeitos leitores tendo a literatura como referência.

Caso o (a) senhor (a) autorize, será parte do desenvolvimento de uma proposta de metodologia sob a inclusão da leitura sobre a ótica da literatura no contexto escolar, podendo contribuir como uma estratégia pedagógica, despertando no estudante o gosto pela leitura, beneficiando também o professor que poderá refletir sobre a importância desse recurso didático nas suas aulas e conseqüentemente para todo o sistema escolar. A participação não é

obrigatória e, qualquer momento, Vossa Senhoria poderá desistir se ser um participante. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que ela estuda.

A pesquisa não prever qualquer forma de gasto e os (as) participantes tampouco serão remunerados (as) pela participação na pesquisa.

O presente TCLE foi impresso em duas vias iguais, sendo que uma via é destinada ao participante. Em caso de dúvidas, em qualquer momento do estudo a (o) participante poderá entrar em contato com a pesquisadora Zélia Maria de Souza Silva, pelo telefone (+55) 62 - 992974195 ou pelo e-mail: z-elia@hotmail.com

Zélia Maria de Souza Silva

Consentimento: Eu _____, fui informado (a) dos objetivos dessa pesquisa, de maneira detalhada e esclareci minhas dúvidas. De forma livre e voluntária, aceito participar da pesquisa: **A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor.** Sei que a qualquer momento poderei solicitar mais informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Assinatura do (a) participante da pesquisa

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____

APÊNDICE 3 - VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN

DIRECCIÓN DE INVESTIGACIÓN

MESTRADO EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda	Zélia Maria de Souza Silva
Orientador	Prof. Dr. Daniel González González

Campestre de Goiás - Goiás- Brasil, _____ de _____ 2022

Prezado (a) Professor (a),

Esta solicitação tem o propósito de solicitar validação dos instrumentos que serão utilizados na coleta de dados em minha pesquisa de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Assunção – UAA, já verificados e liberados pelo professor orientador, e para os quais solicito a análise sobre a adequação das questões formuladas, a sua coerência e clareza.

As colunas que apresentam as siglas C (coerência), QT (qualidade técnica), e R (representatividade) deverão ser assinaladas com X em cada uma delas, caso atenda aos requisitos.

Caso haja dúvidas em relação a alguma delas poderá ser usado o espaço para observações, e se necessário descreve-las no verso da folha.

Os instrumentos são constituídos por formulários de entrevistas e serão utilizadas na coleta de dados da pesquisa.

Grato pelo apoio.

Zélia Maria de Souza Silva

Título: A importância da aplicabilidade literária na aprendizagem escolar: práticas essenciais para a formação do leitor

Objetivo Geral: Analisar a importância da aplicabilidade literária na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º da Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás

Objetivos específicos:

1. Conhecer quais as formações são disponibilizadas para os professores alfabetizadores na área da literatura;
2. Verificar se as metodologias utilizadas pelos professores atendem as perspectivas de uma aprendizagem pautada na literatura;
3. Identificar como os alunos reagem a didática aplicada através da literatura;
4. Analisar de que forma a literatura contribui com a aprendizagem dos alunos.

INSTRUMENTOS POR OBJETIVOS		
OBJETIVOS	FONTES	INSTRUMENTOS
1 – Conhecer quais as formações são disponibilizadas para os professores alfabetizadores na área da literatura;	Professor do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental	Entrevista
2 - Verificar se as metodologias utilizadas pelos professores atendem as perspectivas de uma aprendizagem pautada na literatura;	Professor do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental	Entrevista; Observação participante
3 – Identificar como os alunos reagem a didática aplicada através da literatura;	Estudantes do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental	Observação participante
4 – Analisar de que forma a literatura contribui com a aprendizagem dos alunos.	Professor do 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental	Entrevista Observação participante

ENTREVISTA – PROFESSOR DO 1.º ao 5.º ANO


C = Coerência / QT = Qualidade Técnica / R = Representatividade


1. Qual sua opinião a respeito da literatura infantil?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
2. Qual foi o último livro que você leu e quanto tempo faz?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			

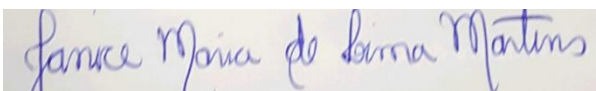
3. Você se considera um(a) bom(a) leitor(a)? Porque?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
4. Com que frequência você utiliza a leitura literária na sala de aula?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
5. Qual abordagem é feita para que o aluno compreenda o papel da literatura em seu dia a dia?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
6. Com qual frequência os alunos vão à biblioteca da escola? Esse tempo é suficiente para que eles desenvolvam o hábito de lê?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
7. Para você o que a escola poderia fazer para o incentivo à leitura?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
8. Com que frequência a secretaria de educação oferece formação continuada ao professor alfabetizador para trabalhar com a literatura? Esse tempo é suficiente?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
9. Fale do acervo das obras literárias da escola? Tem quantidade suficiente para atender aos estudantes?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
10. Que tipo de leitura você prefere trabalhar com seus alunos? Justifique:	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
11. A escola realiza algum projeto de incentivo à leitura? Quais?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			
12. Quais os maiores desafios que o professor enfrenta em trabalhar a questão da leitura no ambiente escolar?	C	QT	R
13. Na sua opinião, seus alunos gostam de ler obras literárias? Que tipo?	C	QT	R
Observações (se for o caso)			

14. Que métodos de alfabetização você trabalha com mais frequência? Sintéticos ou analíticos? Fale um pouco da importância deles no processo de alfabetização, e qual deles apresenta mais resultados?	C	QT	R
--	---	----	---

1.DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Mayara Paiva de Souza		
Formação	Doutora em História (Universidade Federal de Goiás)		
Instituição de Ensino	Seduce e SME-Goiânia		
Local	Trindade - Goiás	Data	11/10/2022
Assinatura do Avaliador			

Nome completo	Prof. Doutor Kleber Branquinho Adorno		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidad Autónoma de Asunción		
Local	Goiânia-GO	Data	12/09/2022
Assinatura do Avaliador			

Nome completo	Janice Maria de Lima Martins		
Formação	Doutorado em Educação		
Instituição de Ensino	Universidade Americana de Asunción		
Local	Recife -Pernambuco	Data	20/10/2022
Assinatura do Avaliador			

APÊNDICE 04 - ENTREVISTA COM PROFESSOR DO 1.º AO 5.º ANO



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y DA
COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN

Mestranda: Zélia Maria de Souza Silva

Orientador: Prof. Dr. Daniel González González

ENTREVISTA PARA O PROFESSOR DO 1.º AO 5.º ANO

1. Qual sua opinião a respeito da literatura infantil?

2. Qual foi o último livro que você leu e quanto tempo faz?

3. Você se considera um(a) bom(a) leitor(a)? Porquê?

4. Com que frequência você utiliza a leitura literária na sala de aula?

5. Qual abordagem é feita para que o aluno compreenda o papel da literatura em seu dia a dia?

6. Com qual frequência os alunos vão à biblioteca da escola? Esse tempo é suficiente para que eles desenvolvam o hábito de lê?

7. Para você o que a escola poderia fazer para o incentivo à leitura?

8. Com que frequência a secretaria de educação oferece formação continuada ao professor alfabetizador para trabalhar com a literatura? Esse tempo é suficiente?

9. Fale do acervo das obras literárias da escola? Tem quantidade suficiente para atender aos estudantes?

10. A escola realiza algum projeto de incentivo à leitura? Quais?

11. A escola realiza algum projeto de incentivo à leitura? Quais?

12. Quais os maiores desafios que o professor enfrenta em trabalhar a questão da leitura no ambiente escolar?

13. Na sua opinião, seus alunos gostam de ler obras literárias? Que tipo?

14. Que métodos de alfabetização você trabalha com mais frequência? Sintéticos ou analíticos? Fale um pouco da importância deles no processo de alfabetização, e qual deles apresenta mais resultados?

Grata pela sua participação!!

APÊNDICE 5: GUIA DE OBSERVAÇÃO PARA PESQUISA

UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE ASSUNÇÃO – UAA

FACULTAD DE CIÊNCIAS DE LA EDUCACIÓN Y DA COMUNICACIÓN

Mestrado em Educação

Registro de Observação para Pesquisa

Escola Municipal Cristo Rei em Campestre de Goiás

Data da observação: _____

Duração do Trabalho: A partir da prática pedagógica desenvolvida na sala de aula

Nº de Participantes: 120 estudantes das turmas

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Aspectos observados nos estudantes na sala de aula a partir da prática pedagógica do professor.	Participação e interesse	O professor utiliza algum método na hora da leitura;
		O professor questiona estudantes sobre o que eles leram;
		Os estudantes mostram-se motivados na hora da leitura;
		O professor estabelece uma rotina para trabalhar com literatura;
		O professor incentiva o estudante a pesquisar livros sobre literatura.
Aspectos observados nos alunos a partir da leitura literária	Participação	Os estudantes compreendem o que estão lendo;
		Os estudantes são participativos na hora da leitura;
		Os estudantes reconhecem a importância do hábito de ler;
		Os estudantes mostram-se interessados para irem à biblioteca.
		Os questionam o professor quando não entendem a mensagem da leitura.
Aspectos observados nos planejamentos pedagógicos dos professores.	Metodologia	O planejamento planeja suas aulas tendo o recurso da literatura como um dos principais instrumento para desenvolver o hábito da leitura;
		O professor coloca em prática o que foi planejado para cada dia de aula.
		O professor tem como uma das metas, a escolha de obras literárias para aplicar na sala de aula e as aplicam.

